J. KRISHNAMURTI

PALESTRAS EM OMMEN

HOLLANDA

1 9 3 6

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

J. KRISHNAMURTI

Palestras em Ommen

Hollanda, 1936

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

J. Krishnamurti

Ommen, 1936

* *

*

E' costume realisar-se anualmente, em Ommen, Hollanda, um acampamento de pessôas de todas as partes do mundo, que ali se reunem para conversar pessoalmente com Krishnamurti e receber os seus ensinamentos. O presente livro encerra uma serie de oito palestras proferidas por Krishnamurti naquele acampamento, no ano de 1936 (25 de julho a 4 de agosto).

Foram traduzidas do original inglês impresso nos Estados Unidos; e este fôra tirado diretamente das notas taquigraficas, apanhadas durante as reuniões, tendo sido revistas pelo proprio Snr. Krishnamurti.

*

* *

Primeira palestra em Ommen, Hollanda

Em 25 de julho de 1936

Amigos:

Sinto grande satisfação em ver-vos todos aquí depois de muitos anos, e espero que este Acampamento será de algum auxilio definido para cada um de vós. Espero também que fareis todo o esforço possível para compreender o que procurarei explicar-vos, e que levareis essa compreensão á ação.

Quizera que considerásseis sem preconceitos o que eu digo, sem essas reações instintivas que impedem o pensamento nítido e verdadeiro.

Não somos ainda um corpo selecionado de pessoas fóra dêste mundo em conflito. Somos parte dele, com sua confusão, miséria, incerteza, com seus grupos políticos em oposição, com seus ódios raciais e nacionais, com suas guerras e crueldades. Não somos ainda um grupo aparte, nem tão pouco indivíduos definidamente ativos que, com profunda compreensão, sejam contra a presente civilisação. Estamos aquí para compreender, por nós mesmos, êsse processo da conciência focalisado em cada indivíduo

e, assim fazendo, inevitavelmente eliminaremos os falsos valores que se tornáram princípios orientadores no mundo inteiro.

Embora como indivíduos pertencendo a certa classe ou nação e sustentando certas crenças, não estejais envolvidos nesses ódios e conflitos — talvez tenhais, por infortúnio, protegido a vós mesmos com diferentes formas de segurança — ainda assim deveis ter uma atitude definida em face desta civilisação com suas atividades política, social, estética e religiosa. Esta atitude que conduz à ação deve ser a compreensão do processo da conciência individual.

A enfase dada à compreensão da conciência individual não deve ser tomada como mais um encorajamento do ego-centrismo e como restrição da ação compreensiva. É sòmente por meio da compreensão do processo da conciência individual que pode dar-se a ação espontânea e verdadeira, sem criar ou aumentar ainda mais a tristeza e o conflito. Por favor, procurae compreender êste ponto plenamente. Quando eu falo de conciência individual não me refiro a êsse processo de introspeção e auto-análise que gradualmente limita toda a atividade. Para produzir a plenitude da ação tem que haver a compreensão do processo da individualidade. Não me preocupo com o progresso individual ou coletivo ou com a atividade exercida em massa, porém sòmente com a verdadeira compreensão que produzirá a atitude e ação justas, relativamente ao trabalho, ao próximo e à sociedade em geral. Portanto, devemos compreender profundamente o processo da individualidade com sua conciência. Devemos ser capazes de discernir compreensivamente, em nós mesmos, a influência que a massa exerce por meio das tradições, dos preconcei-

tos de raça, dos ideais e das crenças a que nos entregamos conciente ou inconcientemente. Enquanto essas cousas nos dominarem, seremos individualmente incapazes de ação clara, direta, simples e compreensiva. Portanto, a enfase que dou à individualidade não deve ser confundida com o encorajamento da auto-expressão egoista, nem tão pouco deve ser compreendida como aquiescência coletiva a uma idéia ou princípio. Não deve ser utilizada como desculpa para nos submetermos a um grupo de pessoas ou a um conjunto de leaders. Deve produzir a verdadeira compreensão do processo da conciência individual, e sòmente isto pode dar nacimento à ação espontânea e verdadeira.

Para compreender êsse processo da individualidade deve haver o incitamento de saber, não de especular nem de sonhar.

Esta compreensão do processo da individualidade, não deve ser confundida com a aceitação de crenças ou da fé ou com o abandono de nós mesmos a conclusões e definições lógicas. Para saber realmente, não deve existir a tendência para ficarmos satisfeitos com a solução imediata e superficial dos problemas. Muita gente pensa que por meio de meras reorganisações económicas a maioria dos problemas humanos serão resolvidos. Muita gente ainda se satisfaz facilmente com as explicações concernentes ao além ou com a crença na reincarnação, e assim por diante. Isto porém, não é conhecimento, não é compreensão, é apenas um narcótico que satisfaz e entorpece a mente-coração entristecida. Para saber, para compreender, tem que haver vontade, tem que haver persistência, tem que haver contínua e essencial curiosidade.

Portanto, que é a individualidade? Por favor compreendei que não estou exaltando o egoismo nem a idéia de vos libertardes dele. Quando, porém, compreenderdes por vós mesmos o processo do "eu", então haverá a possibilidade de o terminardes. Para compreenderdes êste processo deveis principiar fundamentalmente. Será realidade ou ilusão aquilo que se denomina alma, e será ela única? Existe ela separadamente e exerce a sua influência sôbre o ser fisiológico ou psicológico? Chegaremos nós, pelo estudo dos tecidos e flúidos orgânicos, a saber o que é o pensamento, o que é a mente, a saber o que é essa conciência que jaz oculta na matéria viva? Estudando a conduta sociológica do homem, chegaremos a saber o que êle é? Os economistas e os físicos deixaram tudo isto de lado e nós, como indivíduos, nós que sofremos, devemos entrar nesta questão profunda e sinceramente. Como estamos tratando de nós mesmos necessitamos grande persistência, reto esforço e paciência para nos compreendermos a nós mesmos. Os físicos, os economistas, os sociólogos podem nos dar teorías, sistemas e técnicas; mas é de nós que deve partir o verdadeiro esforço para compreender o processo de nossa conciência, e para penetrar através das múltiplas ilusões até à realidade.

Os filósofos esternaram certas teorías e conceitos relativos à conciência e à individualidade. Ha muitas opiniões contraditórias, muitas crenças e afirmações relativas à realidade. Cada um de nós, por meio da introspeção e da observação percebe que existe uma realidade viva escondida na matéria, mas tal realidade desempenha uma parte muito pequena em nossa vida diária. Ela é negada em nossas atividades, em nossa conduta quotidiana. Pelo fato de

havermos construido uma série de paredes constituidas de lembranças auto-protetoras, tornou-se quasi impossível saber o que é o real. Como disse, há muitas crenças, muitas teorías, muitas afirmações acerca da individualidade, dos seus processos, de sua conciência e de sua continuidade, e tendes que escolher por vós mesmos aquilo que é verdadeiro entre essas várias opiniões e crenças. A escolha é deixada àqueles que não forem completamente subjugados pela autoridade da tradição, da crença ou do ideal, e àqueles que não se comprometeram inteletual ou emocionalmente com a fé.

Como podereis escolher o que é verdadeiro entre estas contradições? É a compreensão da verdade uma questão de escolha implicando o estudo de várias teorías, argumentos e conclusões lógicas que exigem sòmente esforço inteletual? Levar-nos-á êsse caminho a algum lugar? Talvez nos leve à argumentação inteletual; porém, o homem que sofre, deseja saber, e para êle teorías e conceitos são completamente inúteis. Ou existe um outro meio, uma percepção isenta de escolha? É absolutamente essencial para nosso bem estar, ação e preenchimento, compreendermos o que é a individualidade. Vós ides aos leaders religiosos, aos psicólogos e talvez aos cientistas, estudais e fazeis experiências com suas teorías e conclusões; podeis ir de um especialista a outro, tentando, de acôrdo com o vosso prazer, os seus métodos; mas o sofrimento ainda continuará. Que se deve fazer?

A ação é vital, porém não no são as opiniões e conclusões lógicas. Como indivíduos, tendes que compreender o processo da conciência por meio do discernimento direto, sem escolha. A autoridade do ideal

e do desejo, impede e perverte o verdadeiro discernimento. Quando há carencia, quando a mente está cativa dos opostos, não pode haver discernimento. As reações psicológicas impedem o verdadeiro discernimento. Se dependermos da escolha, do conflito dos opostos, criaremos sempre a dualidade em nossas ações, engendrando assim a tristeza.

Portanto temos que discernir a verdade por nós mesmos, através da vida ou ação isentas de escolhas. Sòmente o discernimento pode acabar com êsse processo auto-envenenador do sofrimento que se perpetúa pela ação da limitação.

Agora, afim de discernir a verdade, o pensamento deve ser livre de tendências, a mente deve ser sem carência e sem escolha. Se vos observardes a vós próprios na ação, vereis que a vossa carencia, através do fundo da tradição, dos falsos valores e das memórias auto-protetoras, renova a cada momento o processo do "eu" que impede o verdadeiro discernimento.

Deve portanto haver profunda percepção isenta de escolha para compreender o processo da conciência. Esta necessidade surge apenas quando há sofrimento. Para descobrir a causa do sofrimento, a mente deve ser aguda, plastica, sem escolha, não amortecida pela carencia nem subugada por teorías. Se não houver discernimento do processo da conciência individual, então a ação criará sempre a confusão, a limitação, e portanto produzirá sofrimento e conflito. Enquanto estivermos nesse processo, nossa investigação deveria relacionar-se com a causa. Infelizmente, porém, a maioria de nós busca remédios. A compreensão da causa do sofrimento produz na plenitude do nosso ser uma mudança de vontade, isenta de esco-

lha. Então a experiência, sem suas memórias de acumulação, que impedem o entendimento e a ação, terá siginificação profunda.

Assim a verdadeira experiência conduz ao discernimento do processo da conciência que é individualidade, e não pode intensificar a conciência individual. Para discenirdes profundamente a causa do sofrimento, não vos podeis separar do mundo e da vida e contemplar a conciência separadamente, pois só no próprio processo de viver é que podeis compreender a conciência.

Êste profundo discernimento da vida isenta de escolha, exige grande vigilância e reto esforço. Vou explicar o que para mim é conciência da qual surge a individualidade, mas por favor conservai em mente que isso não é uma atualidade para vós, só pode ser uma teoría. Para conhecer a sua atualidade, vossa mente deve ser capaz de discernimento, de percepção sem escolha, deve estar liberta da ânsia de confôrto e segurança. Não é bastante ser meramente lógico. Sabereis se o que eu digo é verdadeiro sòmente por meio de vossa própria experiência, e, para experimentar, a mente deve estar livre de barreiras auto-criadas. É dificílimo ser vulnerável de modo que o movimento da vida possa ser compreendido com mente sensitiva, capaz de discernir aquilo que é perdurável e verdadeiro. Para compreender o processo da individualidade necessitais de grande inteligência e não da intervenção do inteleto; para despertar essa inteligência deve haver o profundo incitamento de saber, não de especular.

Conservai em mente, por favor, que aquilo que para mim é uma certeza, um fato, deve ser para vós uma teoría, e a mera repetição das minhas pala-

vras não constitue vosso conhecimento e atualidade; só pode ser uma hipótese, e nada mais. Só por meio da experimentação e da ação podereis discernir por vós mesmos sua realidade. Então ela não pertencerá a pessoa alguma, nem será vossa nem minha.

Ora, toda a vida é energia; ela é condicionante e condicionada, e esta energia, em seu desenvolvimento auto-atuante, cria seu próprio material, o corpo com suas céiulas e sensações, a percepção, discernimento e conciência. Tanto a energia como as formas da energia estão sempre entremescladas, e isto faz com que a conciência pareça tanto conceituosa como atual. A conciência individual é o resultado da ignorância, da tendência, da carencia, do anseio. Esta ignorância não tem começo e está combinada com a energia, a qual em seu desenvolvimento auto-ativo é única; e é isto que dá unicidade à individualidade.

A ignorância não tem começo mas pode-se-lhe pôr termo. A própria compreensão de que a ignorância se sustenta a si própria, acaba com êsse processo. Isto é, vós mesmos observaes como, por meio de vossas próprias atividades, estais sustentando a ignorância; como, por meio do anseio, que gera o mêdo, a ignorância é mantida; e como isto dá continuidade ao processo do "eu", à conciência. Esta ignorância, êste processo do "eu", mantém-se a si próprio pelas suas próprias atividades volitivas nacidas da carencia, do anseio. Com a cessação da auto-nutrição o processo do "eu" chega a seu termo. Perguntar-me-eis: Posso realmente viver sem carencia? Na vida da maioria das pessoas, a carencia, o anseio desempenham um papel formidável; toda a sua existência é um vigoroso processo de carencia e, portan-

to, não podem elas imaginar a vida, sua riqueza e beleza, suas relações e conduta, sem carencia. Quando começardes a discernir, por meio da experiência, como a ação nacida da carencia cria sua própria limitação, então haverá mutação de vontade. Até então há apenas mudança na vontade. É a atividade auto-mantenedora da ignorância que dá continuidade à conciência, reformando-se constantemente a si própria. A mudança fundamental de vontade é inteligência.

Segunda palestra em Ommen

Em 27 de julho de 1936

Todos nós, de algum modo, estamos cativos do sofrimento, seja êle económico, físico, psíquico ou espiritual. Compreender a causa do sofrimento e libertar-se dela é o nosso constante problema.

Para compreender a causa fundamental do sofrimento, não podemos dividir o homem em diferentes partes. O homem é indivisível, embora se manifeste sob muitos aspetos e tome múltiplas formas de expressão, o que lhe dá grande complexidade. Há especialistas que estudam estas várias divisões e aspetos do homem e tentam descobrir, seguindo suas linhas especiais, a causa do sofrimento, porém não podemos deixar a compreensão de nós próprios a cargo de outrem. Precisamos entender-nos a nós mesmos como um todo e examinar nossos próprios desejos e atividades. Precisamos discernir o processo do "eu" que busca sempre perpetuar-se e manter-se separado mediante suas próprias atividades. Ao compreendermos profundamente êsse processo, dar-se-á o despertar daquela inteligência que é a única que nos pode libertar da tristeza.

qual cada indivíduo, sutil ou rudemente, luta para si mesmo, gerando por essa forma o ódio, a crueldade e a opressão. Êste processo fomentou uma civilisação de exploração, de guerras e de superstição religiosa organizada, resultados de uma falsa concepção da individualidade e do preenchimento. O conflito externo de raças e religiões, a divisão dos povos, as lutas económicas, teem suas raizes nas falsas idéias de cultura. Nossas vidas estão em contínuo conflito por causa do mêdo, da crença, da escolha e da submissão. Nosso ambiente estimula o processo da ignorância; e as nossas memórias e carencias renovam e dão continuidade e individualidade á conciência.

Ao examinardes êsse processo discernireis que o "eu" se está reformando a si mesmo a cada momento, pelas suas atividades volitivas baseadas na ignorância, na carencia e no mêdo. Quando começardes a verificar que o "eu", portanto, não é permanente, haverá mudança vital em vossa conduta e moral. Então não poderá haver subserviência, aquiescência, mas sòmente a ação da inteligência desperta que cria sempre novas condições sem ser por estas escravisada. Só esta inteligência pode produzir verdadeira cooperação sem frustração.

Cada um de vós deve tornar-se apercebido do processo da ignorância. Êste apercebimento não é o poder de uma compreensão superior dirigindo outra inferior, pois isto não passa de um hábil artifício da mente, porém é aquela compreensão sem escolha, resultante da ação persistente, sem temor nem carencia. Desta percepção isenta de escolha, surge a verdadeira moral, as relações e a ação verdadeiras. A conduta então não é mera imitação de um modêlo, de um ideal ou de uma disciplina, mas sim a resul-

tante da verdadeira compreensão do processo do "eu". Êste discernimento é inteligência desperta que, não sendo hierárquica ou pessoal, ajuda a criar uma nova cultura de preenchimento e cooperação.

PERGUNTA: E' o esforço compatível com o apercebimento?

KRISHNAMURTI: Por favor, compreendei o que eu entendo por apercebimento. O apercebimento não é o resultado da escolha. A escolha implica opostos, uma discriminação entre o essencial e o não essencial, entre o verdadeiro e o falso. A escolha tem que criar conflito, pois baseia-se no impulso, no cálculo e no preconceito auto-protetores. A escolha baseia-se sempre em memórias. O discernimento é a parcepção direta, sem escolha, daquilo que é, e perceber diretamente é estar livre do fundo da carencia. Isto só pode acontecer quando cessa o esforço que agora vem sendo exercido entre os opostos. Os opostos são o resultado da carencia, do anseio e, portanto, do mêdo. Com a cessação do mêdo dá-se a percepção direta daquilo que é. Estamos presentemente fazendo esforços para conseguir, para obter êxito, para vencer um hábito por meio de outro, para subjugar um temor por outro temor, um anseio por outro anseio e um ideal por outro ideal. Há, portanto, esforço constante para substituir, para vencer. Tal esforço é completamente fútil e vão; conduz à confusão e não ao despertar da inteligência.

Se começardes a aperceber-vos dêsse processo de escolha, de conflito entre os opostos, então haverá uma mudança de vontade e esta vontade é o resultado da ausência de escolha.

Quando eu falo do verdadeiro esforço, quero dizer que nos devemos tornar concientes do falso esforço que estamos fazendo agora. Apercebei-vos do fundo, percebei como a cada instante o pensamento se está modificando na limitação por meio de suas próprias atividades volitivas, nacidas da ignorância e do temor, o que dá continuidade ao processo do "eu", á conciência.

Sofremos e queremos fugir a êsse sofrimento e, por isso, fazemos esforços para buscar um remédio, uma substituição, mas por êsse modo não desarraigamos a causa do sofrimento. Estando a mente sobrecarregada de muitas substituições, de muitas escapulas que impedem o surgir do discernimento sem escolha, o esforço apenas cria outras tristezas e frustrações. Isto é falso esforço. O esforço verdadeiro é o discernimento espontâneo do falso esforço que procura substituição ou fuga por meio de múltiplas formas de segurança.

PERGUNTA: Como se pode chegar a um acôrdo com pessoas que teem objetivos na vida radicalmente diferentes do nosso?

KRISHNAMURTI: Não pode haver acôrdo entre um objetivo falso e um verdadeiro. Poderá havê-lo entre dois objetivos falsos. Procurando estabelecer concordância entre o falso e o verdadeiro, nós tentamos desenvolver o que se chama tolerância, com suas múltiplas, falsas pretensões. Só pode haver concordância real quando os objetivos são inteligentes e verdadeiros. Quando dois indivíduos percebem a ilusão fundamental da segurança, então haverá acôrdo, cooperação. Mas se um compreende a crueldade-

de da segurança aquisitiva e o outro não, então há conflito, e para vencêr esta fricção desenvolve-se a falsa virtude da tolerância; isto, porém, não significa que aquele que compreende seja intolerante.

Em lugar de procurarmos concordar, de procurarmos descobrir o fator comum entre dois absurdos, vejamos se podemos ser inteligentes. O homem que tem mêdo não pode ser inteligente — pois o mêdo impede o discernimento sem escolha. Não pode haver inteligência enquanto houver espírito de aquisição, pois êle indica que a mente está enredada no processo de ignorância e carencia. O cultivo da virtude não é inteligência. Enquanto existir a atividade volitiva da ignorância tem que haver temor, desilusão e conflito.

Em lugar de cultivar a tolerância que é um artifício da mente, deve haver o despertar da inteligência que não tem temores nem memórias auto-protetoras.

PERGUNTA: Aqueles que possuem — seja terra, maquinaria ou trabalho — não os partilham voluntariamente com os menos afortunados. Não teem êstes últimos, portanto, o direito e, em última instância, o dever de arrebatar os bens àqueles que os possuem, para o benefício comum de todos? Não estais um pouco inclinado a desperdiçar os vossos ensinamentos com os mais afortunados, que, provavelmente, são os que menos dispostos estão a alterar a estrutura social e económica atualmente existente?

KRISHNAMURTI: Sei que isto é um problema vital para muita gente. Não fujo a êle ao dizer que desejo tratar de todos os problemas da vida, compreensiva e integralmente, e não em separado. Onde

a inteligência funciona livremente, não existem êstes problemas separativos. Não havendo inteligência, embora tomeis maquinaria, terra e trabalho, criareis novamente a divisão com o seu cruel espirito de guerra e de aquisição. Portanto, do meu ponto de vista, o que é importante é o cultivo da verdadeira inteligência, a única que pode produzir a ordem. Tem que haver revolução interna que para mim é muito mais importante do que o levante externo. Esta revolução interna não pode ser adiada. E' muito mais vital, muito mais imediata do que a externa. Esta completa mudança de vontade está em vosso proprio poder.

A revolução vital interna é o resultado da compreensão e não da compulsão. A inteligência não reconhece riqueza nem pobreza. Não estou falando para o pobre nem para o rico, para o afortunado nem para o menos afortunado. Falo a indíviduos a quem digo que lhes é necessário compreender o processo da vida, porque êles, como indivíduos, estão cativos do sofrimento. Como indivíduos, êles são criadores do ambiente social, da moral e das relações. Devemos pois tratar do homem integral e não apenas de um dos seus aspectos. Enquanto não existir essa profunda compreensão do processo da individualidade, a simples mudança não despertará a inteligência. Se de fato discernirmos isto, não buscaremos individualmente a felicidade por meio das várias crueldades e absurdos a que chamamos civilisação moderna.

Se compreenderdes a absoluta necessidade desta revolução interna, desta mudança de vontade, então auxiliareis natural e espontaneamente a produzir a ordem, a ação e a conduta verdadeiras.

PERGUNTA: A concepção Teosófica dos Mestres de Sabedoria e da evolução da alma, não será tão sã quanto a concepção cientifica do crecimento biológico da vida na materia orgânica?

KRISHNAMURTI: Aquilo que é capaz de crecimento não é eterno. A concepção teosófica ou religiosa é a do crecimento individual, — o processo do "eu" tornando-se cada vez maior por adquirir mais virtude e compreensão. Isto é, o "eu" é capaz de crecimento indefinido, alcançando cada vez maiores alturas de perfeição, e, para o ajudar a avançar, são necessários Mestres, disciplinas e organisações religiosas.

Enquanto o indivíduo não compreende o que é o "eu", os Mestres, de uma espécie ou de outra, tornam-se uma necessidade ilusória. Pode não ser um Mestre no sentido Teosófico, mas um santo da igreja ou a autoridade espiritual de uma organisação. O que nós temos de compreender não é se os Mestres existem ou não, se êles são necessários ou não, porém se o "eu", em seu crecimento, em sua expansão pode tornar-se eterno ou conduzir à compreensão da verdade. O problema não é se o Mestrado é um processo perfeitamente natural, mas sim se o discernimento da verdade pode vir à mente que esteja aprisionada no processo do "eu". Se considerais o "eu" como eterno, então êle não pode crecer, tem que estar fóra do tempo e do espaço. Portanto, a idéia de que o "eu" se torna o Mestre por meio do crecimento e da experiência, é uma ilusão. Ou então, o processo do "eu" é transitorio. Para terminar este processo, nenhum agente externo, por maior que seja, jamais pode servir de auxílio, pois o pro-

cesso do "eu" é auto-ativo, mantendo-se a si mesmo por meio de suas atividades volitivas. Vós tendes que considerar se o "eu" é eterno ou transitório. Não é, porém, uma questão de escolha, pois toda a escolha se baseia na ignorância, no preconceito e na carencia.

Talvez alguns de vós não se preocupem com a crença nos Mestres dos teosofistas, contudo, quando a tristeza vos bate à porta, talvez procureis alguma outra autoridade ou guia espiritual, e essa dependência de outrem é que perpetúa o processo do "eu" com sua sutíl exploração e tristeza.

PERGUNTA: Muitas pessoas acham assaz difícil estar plenamente concentradas em suas ações. Para adestrar esta capacidade de concentração, não podem certos exercícios ser de grande auxílio, ou vós os encarais como obstáculos?

KRISHNAMURTI: Quando estais profundamente interessados, não há necessidade de exercícios para vos ajudar a desenvolver a concentração. Ao gosardes um belo panorama, existe a espontaneidade do deleite e do interêsse que ultrapassa todos os auxílios artifíciais da concentração. E' sòmente quando não estais interessados que existe divisão da conciência. Em lugar de procurardes exercícios para desenvolver a capacidade da concentração, averiguai se tendes profundo interêsse pelas cousas da vida. Para compreenderdes a vida necessitais de um interêsse geral, não sòmente pelo pão e manteiga, mas pelos processos do pensamento e do amor, pelas experiências, pelas relações. Onde existir profundo interêsse, há concentração. Não estará o interrogante tentando estimular a concentração artificialmente? O

estímulo assim artificial torna-se uma barreira para a rica compreensão da vida. As meditações disciplinadas são estímulos artificiais e tornam-se barreiras que criam divisão entre a atualidade viva e os anseios e desejos ilusórios. Não busqueis a beatitude da realidade, pois que a mera busca da realidade sòmente conduz à ilusão, mas compreendei esse processo do pensamento, da conciência, focalisado em vós mesmos. Isto exige não mera concentração, mas plasticidade da mente e interêsse auto-mantido.

PERGUNTA: A idéia de "leaderança" é para muitos uma grande inspiração. Conduz também ao cultivo do respeito e ao espírito do auto-sacrifício. Em vós reconhecemos um grande "leader" espiritual e sentimos profunda reverência para convosco. Não deveríamos, portanto, animar em outros, bem como em nós próprios, essas grandes qualidades de respeito e auto-sacrifício?

KRISHNAMURTI: A demonstração de respeito é-me pessoalmente desagrádavel (Risos). Não riais, por favor. Se houvesse verdadeiro respeito não no evidenciarieis apenas em relação a mim, mas a todos. Vossa demonstração de respeito a mim sòmente, indica uma mentalidade de cambista. Pensais que eu vos darei alguma cousa, ou vos ajudarei de algum modo e, portanto, demonstrais-me respeito. O que realmente estais fazendo é evidenciar respeito à idéia de que deveis dispensar consideração a uma pessôa que vos pode ajudar, porém dêste falso respeito nace o desdém pelos outros. Não há consideração pelas idéias em si próprias, mas infelizmente apenas pela pessoa que externa essas idéias. Nisto reside grave

perigo que conduz à exploração recíproca. O mero respeito pela autoridade indica temor, o qual produz muitas ilusões. Dêste falso respeito surge a distinção artificial entre "leaders" e seguidores, com suas muitas formas evidentes ou sutís de exploração. Onde não há inteligência, há respeito por uns poucos e desdém pelo resto.

Terceira palestra em Ommen

Em 28 de julho de 1936

Como pode o indivíduo despertar essa inteligência, essa intuição criadora que compreende o significado da realidade, sem o processo da análise e da lógica? Por intuição não quero dizer preenchimento do desejo como faz a maioria das pessoas. Se a moral, que significa relações mútuas, fôr baseada na inteligência e na intuição, então haverá riqueza, plenitude e uma constante beleza na vida. Se, porém, basearmos a nossa conduta e relações nas nossas necessidades industriais e biológicas, então a ação deve inevitavelmente tornar a nossa vida superficial, incerta e triste. Temos a possibilidade desta inteligência ou intuição, mas como despertá-la? Que devemos fazer ou deixar de fazer para acordar esta inteligência?

Para que possa vir à existência esta intuição criadora, todo anseio com seus temores deve cessar. A cessação da carencia não é o resultado da abstenção nem por meio da análise cuidadosa pode o desejo ser racionalmente afastado. A libertação da carencia, de seus temores e ilusões, vem por meio da percepção silenciosa e persistente, sem a escolha deliberada da

simples racionalisação. Êste é o verdadeiro processo do despertar da inteligência e da intuição.

A conciência limitada é o conflito de inúmeras carencias. Apercebei-vos dêsse conflito, dêste incessante combate de divisão; não tenteis, porém, dominar uma parte da conciência com suas carencias, por meio da outra. Quando a mente se identifica com a carencia ou com os opostos, há conflito; então a mente tenta fugir por meio da ilusão e dos falsos valores e, assim, apenas intensifica todo o processo da carencia. Com o profundo discernimento advém a cessação da carencia, o despertar da inteligência, da intuição criadora. Essa inteligência é a própria realidade.

PERGUNTA: Perdi todo o entusiasmo e todo o incitamento na vida, os quaes me lembro de ter possuido outrora. A vida para mim é agora incolôr, um vácuo sem esperança, um fardo que de qualquer maneira tenho de carregar. Poderieis indicar-me as causas possíveis que tenham produzido esta condição, e explicar-me como quebrar essa dura casca em que pareço estar encerrado?

KRISHNAMURTI: Pelos falsos valores, nós nos forçamos a entrar em certos sulcos de ação e ajustamos os nossos pensamentos e sentimentos a certas condições. Portanto, em virtude do nosso próprio condicionamento, perdemos o entusiasmo e, consequentemente, a vida se torna pesada e arida. Para romper esta casca de desperança, devemos ser concientes do nosso pensamento e ação limitados. Quando nos tornarmos apercebidos dêsse estado, e em lugar de combatermos êsse vácuo sem esperança, ponde-

rarmos profundamente as causas da frustração, então, sem qualquer conflito de antíteses, dá-se aquela mudança vital que é preenchimento, a rica compreensão da vida. Se o indivíduo tivér apenas disciplinado a mente, sem compreender o processo da conciência, ou se tivér submetido as atividades mentais e a conduta à autoridade de um ideal, sem discernir a estultícia da autoridade, a vida torna-se então árida, superficial e vã.

A não ser que o indivíduo compreenda plenamente o processo da conciência, a ilusão pode momentaneamente proporcionar o necessário impulso para a ação, porém tal ação deve inevitavelmente conduzir á miseria e á frustração. O conflito entre as ilusões, embora aparentemente propositado e satisfatório, deve inevitavelmente conduzir à confusão e à tristeza. Temos que nos tornar apercebidos dos múltiplos temores e ilusões, e quando a mente deles se libertar, então dar-se-à a rica plenitude da vida.

Quando começardes a perceber a completa futilidade da própria carencia, então dar-se-à o despertar dessa inteligência que produz verdadeiras relações com o ambiente. Só então poderá haver riqueza e beleza da vida.

PERGUNTA: Pode parecer impertinente o que eu digo, porém é fácil para vós aconselhar os outros a fazer experiência com a ação inteligente; ao Senhor jamais faltará pão. De que serve o vosso conselho a uma vasta legião de homens e mulheres no mundo, para quem a ação inteligente significará apenas mais fome?

KRISHNAMURTI: Porque dais tanta importância ao pão? O pão é essencial, mas pelo simples

fato de exaltardes o valor do pão, ides privar dele o homem. Exaltando qualquer necessidade do homem, que é indivisível, ireis privá-lo daquela mesma cousa que exaltais. E' o mêdo que conduz à ação não inteligente, portanto ao sofrimento; e como os indivíduos estão cativos dêsse mêdo, eu procuro despertar neles a percepção da barreira auto-criada de ignorância e preconceito. Pelo fato de cada indivíduo buscar a auto-segurança sob múltiplas formas, não pode haver cooperação inteligente com o seu ambiente, e seguem-se daí muitos problemas que não podem ser superficialmente resolvidos. Se cada um de nós fosse intemerato, não ansiando por segurança, sob qualquer forma que fosse, neste mundo ou no além, então, neste estado de intrepidez, a inteligência poderia funcionar e produzir ordem e felicidade. Considerando apenas uma parte, uma divisão artificial do homem, que é indivisível, não podemos compreender o seu todo, e é sòmente com a compreensão do todo que a parte pode ser compreendida. Sempre existiu êsse problema que consiste em se saber se a preponderância deve ser dada ao pão, ao ambiente ou à mente e ao coração. No passado tambem existíu esta divisão, êste dualismo no homem de alma e corpo, cada divisão insistindo sôbre seu próprio conjunto de valores e por essa forma criando muita confusão e miseria. E nós continuamos a perpetuar, talvez em novas formas, esta falsa e artificial divisão do homem. Um grupo toma em consideração sòmente a importância do pão e outro exalta a alma. Esta divisão do homem é completamente falsa e tem que conduzir sempre à ação destituida de inteligência. A ação inteligente é a resultante da compreensão do homem como um ser completo.

PERGUNTA: Minha tristeza fez-me compreender que não mais devo procurar confôrto de qualquer espécie. Estou convencido de que outrem não pode curar a dôr que está em mim. E no entanto, uma vez que a minha tristeza continúa, haverá algo de errado no modo pelo qual tomei meu sofrimento?

KRISHNAMURTI: Dizeis que não mais buscais confôrto, mas, por acaso, não desteis fim, deliberadamente, a esta busca por meio de uma decisão, de uma resolução? Ela não é o resultado espontaneo da compreensão. Ela é simplesmente a resultante de uma decisão de não buscar confôrto, porque a busca do confôrto vos trouxe decepção. Portanto dizeis a vós próprios: não devo mais procurar confôrto. Quando, profundamente ferido por causa do apêgo, o homem começa a cultivar o desapêgo, louvando-o como sendo uma nobre qualidade, o que êle realmente está fazendo é proteger-se a si próprio contra uma nova ferida, e a êste processo êle chama desapêgo. Assim, pela mesma razão, o mêdo de sofrer vos fez verificar que o confôrto, a dependência, implica ulterior sofrimento, e por isso dizeis a vós mesmos: não devo buscar confôrto, devo ser auto-confiante. Apesar disto, a carencia, com as suas múltiplas e sutís formas de temor, continúa.

A carencia cria dualidade no pensamento e quando uma carencia cria sofrimento, a mente busca o oposto a essa carencia. Tanto a ânsia pelo confôrto como a abstenção do confôrto são a mesma cousa, ainda são carencia. Portanto, a mente mantém o conflito dos opostos. Quando começardes a sofrer não digais: devo libertar-me desta ou daquela carência ou causa, mas observai, silenciosamente, sem ne-

gação nem aceitação, e d'esse apercebimento isento de escolha, a carencia com seus temores e ilusões começa a ceder lugar à inteligência. Esta inteligência é a própria vida e não está condicionada pela compulsão da carencia.

PERGUNTA: Dizem que as iniciações ocultas, tais como as descritas pela Teosofía e outros antigos ritos e mistérios, formam os vários estágios da jornada da vida espiritual. Isto é verdade? Tendes lembrança de qualquer súbita mutação da conciência ocorrida em vós próprio?

KRISHNAMURTI: A conciência sofre uma constante mutação dentro de suas próprias restrições e limitações. Dentro do seu próprio círculo ela vai flutuando, espandindo-se, contraindo-se, e essa expansão é chamada por algumas pessoas avanço espiritual. Mas ela está ainda dentro dos confins da sua própria limitação e esta expansão não é uma mutação da conciência, mas apenas uma mutação na conciência. Esta mutação da conciência não é resultante de ritos misteriosos ou de iniciações. Sòmente aquele que discerne a futilidade da mutação na conciência, pode produzir a mutação da conciência. Para discernir e mudar fundamentalmente é preciso constante apercebimento. O que é importante é saber se podemos, individualmente, produzir esta mutação vital. Portanto, não nos preocupemos com a mutação imediata, mas sòmente com a mutação fundamental da conciência, e para isso é preciso que o processo do eu, com sua ignorância, tendências, carencias e temores, se finde a si próprio.

Quarta palestra em Ommen

Em 29 de julho de 1936.

A ação oriunda do processo auto-preservador da conciência, com suas multiplas camadas de ignorância, de tendências, de carencias, de temores, não pode libertar a mente de sua limitação auto-criada, mas apenas intensifica a tristeza e a frustração. Enquanto esse processo continuar, enquanto não houver compreensão d'esse processo do eu, não só em suas mais evidentes formas e expressões, como também em suas prodigiosas sutilezas, há de haver sofrimento e confusão. Ainda assim, êste mesmo sofrimento a que estamos sempre procurando escapar, pode conduzir-nos à compreensão do processo do "eu", ao profundo conhecimento de nós mesmos, devendo porem cessar todas as fugas para a ilusão. Quanto maior o sofrimento, mais forte é o indicio da limitação. O fato, porém, de não sofrerdes, não indica necessariamente que estais libertos de limitações. Ao contrário, pode ser que a vossa mente esteja estagnada dentro de paredes auto-protetoras, de modo que nenhuma provocação da vida, nenhuma experiência pode move-la à atividade, e desperta-la assim para o sofrimento. Uma tal mente é incapaz de discernir a realidade. O so-

frimento pode conduzir cada um à compreensão de si proprio se não tentardes fugir-lhe ou evitá-lo.

Como poderemos pôr termo ao processo do "eu", de modo que a nossa ação não crie mais limitação e tristeza? Para que o processo do eu termine, deve haver conciência do sofrimento e não apenas a sua concepção. A não ser que haja a vital provocação da vida, a maioria de nós tende a deixar-se embalar para adormecer, permitindo assim, inconcientemente, que o processo do "eu" continue. O requisito essencial para discernir o processo do "eu" é estar plenamente conciente do sofrimento. Em seguida deve haver a completa certeza de que não há escapatória alguma ao sofrimento. Então toda a busca de confôrto e de remédios superficiais cessa inteiramente. Todos os paliativos ritualísticos cessam de ter qualquer significação. Começamos então a perceber que nenhuma atuação externa nos pode ajudar a pôr termo a êsse processo auto-mantido de ignorância. Quando a mente está nesse estado de receptividade, quando está perfeitamente apta para se defrontar a si mesma, ela se torna então seu próprio espelho, então ha conciência não dividida; ela não julga suas ações por padrões nem está contrôlada pela autoridade do ideal. E' então sua própria criadora e destruidora. O ambiente com suas influências condicionantes, e a hereditariedade com suas caraterísticas limitadoras, cedem à compreensão do processo do "eu". Quando a mente discerne integralmente êste processo, ela se vê a si mesma como o processo, utilisando toda a ação, todas as relações para se manter. Renovando-se de momento a momento, mediante suas próprias atividades volitivas, o processo do "eu" vai se perpetuando e gerando apenas tristeza.

A maioria d'entre nós busca escapar ao sofrimento por meio de ilusões, de definições e conclusões logicas, e assim gradualmente a mente se torna obtusa, incapaz de se perceber a si mesma. Só quando a mente se percebe tal qual é, como vontade de si propria com suas multiplas camadas de ignorância, de temor, de carencia, de ilusão, quando ela discerne como, por meio de suas atividades volitivas, o processo do "eu" se vai perpetuando, só então há a possibilidade de êste processo se terminar a si próprio. Quando a mente discerne que ela mesma está criando sofrimento, perpetuando o processo do "eu", e que ela é êste mesmo processo, então há mutação de vontade, mutação de conciência. A terminação do processo do "eu" é o começo da sabedoria, da beatitude.

Temos diligentemente desenvolvido a idéia de uma vontade superior e inferior na conciência. Esta divisão apenas cria conflito a que buscamos dar fim por meio da disciplina. Onde existe carencia ou temor, sua ação é como o combustível para a chama, apenas alimenta o processo do "eu". A compreensão dêste processo exige grande apercebimento e não o esforço da escôlha ou da disciplina.

PERGUNTA: E' o temor uma parte fundamental da vida, de modo que a compreensão dele apenas nos capacita melhor a aceitá-lo? ou é algo que pode ser transmutado em outra cousa? ou ainda algo que possa ser inteiramente eliminado? Muitas vezes parece-nos possível descobrir a causa de um determinado mêdo, e, a-pesar disso, êste continúa sob outras formas. Por que será isto assim?

KRISHNAMURTI: O temor existirá sob diferentes formas, grosseira ou sutilmente, enquanto exis-

tir o processo auto-ativo da ignorância gerado pelas atividades da carencia. E' possivel eliminar completamente o mêdo, êle não é parte fundamental da vida. Se existir mêdo não pode haver inteligência, e para despertar a inteligência é preciso compreender-se plenamente o processo do "eu" na ação. O mêdo não pode ser transmutado em amor. Êle há de ser sempre mêdo embora tentemos afasta-lo pelo raciocínio, e embora procuremos disfarçá-lo chamando-o amor. Nem tão pouco pode o mêdo ser compreendido como parte fundamental da vida, para que nos resignemos a suportá-lo. Não descubrireis a causa profunda do mêdo pela simples análise de cada um de seus aspetos à medida que se apresentam. Existe sòmente uma causa fundamental do mêdo embora se manifeste por formas diferentes. Pela simples dissecação das várias formas do mêdo não pode o pensamento libertar-se da causa-raiz dele. Quando a mente não aceita nem rejeita o mêdo, quando não lhe foge nem procura transmutá-lo, só então é possível a sua cessação. Quando a mente não está presa no conflito dos opostos, ela é capaz de discernir sem escôlha o processo do "eu" em sua íntegra. Enquanto êsse processo continuar tem que haver mêdo e a tentativa para fugir dele apenas aumenta e fortifica o processo. Se vos quizerdes libertar do mêdo deveis compreender plenamente a ação nacida da carencia.

PERGUNTA: Estou começando a pensar que os bens materiais tendem a estimular a vaidade sendo além disto um fardo; e agora decidi limitar as minhas necessidades materiais. Entretanto, acho difícil chegar a uma decisão quanto a deixar herança a meus filhos. Devo eu, como pai, tomar uma decisão

sôbre o assunto? Sei que não transmitiria concientemente uma doença contagiosa, se tivesse possibilidade de o evitar. Estaria agindo acertadamente ao adotar uma opinião semelhante a essa no que respeita à herança, e dela privar os meus filhos?

KRISHNAMURTI: O próprio interrogante diz que voluntariamente não transmitiria uma doença contagiosa. Ora, é a herança uma tal doença? Possuir ou adquirir dinheiro, sem trabalhar para obtê-lo, produz uma especie de doença mental. Se concordardes com êsse enunciado e agirdes de acôrdo com êle, deveis estar dispostos a fazer face às consequências de vossa ação. Ajudareis a derrubar o presente sistema social com sua exploração, seu poder cruel e estulto, decorrente do acúmulo do dinheiro e privilégios do interêsse fundado. Se possuir ou adquirir dinheiro, sem trabalhar para isso, é ou não uma moléstia, deveis descobrir por vós mesmos.

Quando vós, como individuos, começardes a vos libertar da doença do mêdo, não perguntareis a outrem se deveis ou não deixar vossa riqueza aos vossos filhos. Vossa ação, então, terá uma profunda e diferente significação. Vossa atitude, então, em relação à familia, às classes, ao trabalho, à riqueza ou à pobreza sofrerá profunda mudança. Se não houver esta significativa mudança que é produzida pela compreensão e não pela compulsão, então os problemas artificiais só podem ser respondidos superficialmente, sem nenhuma consequência ou valor.

PERGUNTA: Tendes falado a respeito do incitamento vital, do incessante estar desperto, o que, se bem compreendo, seria possivel só depois do indi-

víduo ter passado por completa solidão. — Pensais que seja possível que alguem sinta êste grande incitamento e a pesar disso ser casado? A mim parece-me, que, por mais livres que sejam marido e mulher, haverá sempre fios invisíveis entre os dois, os quais inevitavelmente impedem cada um deles de ser inteiramente responsável para consigo mesmo. Portanto êsse estar desperto não conduzirá a um completo e inteiro desapêgo de tudo e de todos?

KRISHNAMURTI: Não se pode viver sem se estar em relações com pessoas, com o ambiente, com a tradição, com o fundo do passado. Ser, é viver em relação. Podeis tornar as relações vitaes, fortes, expressivas, harmoniosas, ou transformá-las em conflito e sofrimento. E' o sofrimento que vos força a vos retirardes das relações, e como não podeis existir sem estardes em relação com alguma cousa, começais a cultivar o desapêgo, uma reação auto-protetora contra a tristeza. Se amardes, estareis em verdadeira relação com o ambiente; porém, se o amor se transforma em ódio, em ciúme, e produz conflito, então as relações tornam-se pesadas e penosas e começais o processo artificial de vos desapegardes daquilo que vos causa dôr. Podeis criar inteletualmente uma barreira auto-protetora de desapêgo e viver nessa prisão auto-criada que lentamente destroe a plenitude da mente-coração. Viver é estar em relação. Não pode haver relação vital e harmoniosa se houver quaesquer desejos e reações auto-protetores que produzam tristeza e conflito.

PERGUNTA: Se bem vos compreendo, o apercebimento, por si próprio, é suficiente para dissolver tanto o conflito como a origem dele. Eu estou e ha

muito tenho estado perfeitamente apercebido do meu snobismo. O que é que me impede de me libertar d'isto?

KRISHNAMURTI: O interrogante não compreendeu o que eu entendo por apercebimento. Se tiverdes um hábito, o do snobismo por exemplo, de nada serve vencer simplesmente êsse hábito por meio de outro, seu oposto. E' fútil combater um hábito por meio de outro. O que liberta a mente do hábito é a inteligência. O apercebimento é o processo de despertar a inteligência e não a criação de novos hábitos para combater os antigos. Portanto, deveis tornar-vos concientes dos vossos hábitos de pensar, porém não queirais desenvolver hábitos ou qualidades opostas. Se estiverdes plenamente apercebidos, se estiverdes nesse estado de observação sem escolha, então percebereis em sua íntegra o processo de criar um hábito e também o processo oposto de o vencer. Êste discernimento desperta a inteligência que varre todos os hábitos do pensamento. Estamos ansiosos por nos libertarmos daqueles habitos que nos causam sofrimento ou que verificamos não terem valor, criando outros habitos de pensamento e de afirmações.

Êste processo de substituição é inteiramente desprovido de inteligência. Se o observardes, verificareis que a mente nada mais é que um conjunto de hábitos de pensamentos e lembranças. Vencendo apenas êstes hábitos por meio de outros, a mente continúa ainda em cativeiro, confusa e sofrendo. Sòmente quando compreendermos profundamente o processo das reações auto-protetoras, que se tornam hábitos de pensamento limitando toda ação, é que advém a possibilidade do despertar da inteligência, a única que pode dissolver o conflito dos opostos.

PERGUNTA: Podeis, por favor, explicar a diferença existente entre mudança na vontade e mudança de vontade?

KRISHNAMURTI: Mudança na vontade é apenas o resultado de dualidade na conciência, e mudança de vontade tem lugar na plenitude do nosso ser integral. Uma é mudança de grau e a outra é mudança de especie. O conflito da carencia ou a mudança do objeto do desejo é apenas mudança na vontade, mas com a cessação de toda a carencia dá-se a mudança de vontade.

Mudança na vontade é a submissão à autoridade do ideal e da conduta. Mudança de vontade é discernimento, inteligência, na qual não há o conflito das antíteses. Nesta última existe um profundo e espontaneo ajustamento; na primeira há compulsão por meio da ignorância, da carencia e do temor.

PERGUNTA: Será a renovação do indivíduo suficiente para a solução dos problemas do mundo? Abrange a inteligência a ação para a libertação de todos?

KRISHNAMURTI: Quais são os problemas do mundo? Pão, desemprego, guerras, conflitos, grupos políticos antagonicos, o gôso das riquezas do mundo por parte de poucos, divisão de classes, fome, morte, imortalidade — êsses são os problemas do mundo. Não são êles também problemas individuais? Os problemas do mundo só podem ser compreendidos por meio dêsse processo focalisado em cada um, o processo do "eu". Porque criar esta divisão artificial do indivíduo e do mundo? Nós somos o mundo, nós

somos a massa. Se vós, como indivíduos, compreenderdes o processo da divisão em nacionalismo, conflito de classes e antagonismo racial, se não mais fordes alemãis, francêses, holandêses ou inglêses, com todos os absurdos do separatismo, então certamente vos tornareis um centro de inteligência. Então combatereis a estultícia, onde quer que estejais, embora isto vos conduza à fome e à luta. Se compreendermos plenamente isto, por meio da ação, tornar-nos-emos como oasis em meio do deserto. O processo do ódio e da divisão é tão antigo como os séculos. Não vos podeis retirar dele, porém no meio dele podereis ser claros, simples, verdadeiros, sem quaesquer incrustações das estultícias do passado. Então vereis que grande entendimento e alegria podeis trazer para a vida. Infelizmente, porém, no momento de grandes levantes e guerras sois arrastados. Vossos próprios ódios e temores potenciais são despertados e vos arrastam. Não sois o tranquilo oasis para o qual a humanidade sofredora pode vir.

Portanto, é da máxima importância compreender o processo que gera estas limitações, ódios e tristezas. A ação nacida do entendimento integral será uma força libertadora, embora os efeitos de semelhante ação não se evidenciem durante a vossa vida ou dentro de um dado periodo. O tempo não tem importância. Uma revolução sangrenta não produz paz perdurável nem felicidade para todos. Em lugar de meramente desejardes paz imediata nêste mundo de confusão e angústia, considerai como vós, individualmente, podeis ser um centro não de paz mas de inteligência. A inteligência é essencial para a ordem, a harmonia e o bem-estar de homem.

Há muitas organisações para a paz, porém há poucos indivíduos livres, inteligentes no verdadeiro sentido da palavra. Vós deveis como indivíduos, começar a compreender a realidade; então a chama do entendimento se espalhará sôbre a face da terra.

Quinta palestra em Ommen

Em 1 de Agosto de 1936.

As nossas mentes tornaram-se o campo de batalha dos ideaes, dos temores e ilusões, dos desejos e abstenções, das esperanças e frustrações, da arregimentação e da espontaneidade. Ser-nos-á possivel acabar com o conflito existente na mente sem crear ao mesmo tempo vacuidade, aridez e frustração? Podeis sufocar o conflito por algum tempo, forçando a mente a entrar num certo molde, porém isso apenas cria ilusões e desajustamentos na vida. A maioria de nós procura subjugar seus desejos ou dar-lhes plena liberdade, mas quer de uma quer de outra forma, o conflito não finda.

Existirá um meio de podermos estinguir o conflito e a tristeza sem destruir a inteligencia creadora e a plenitude integral? Poderá haver jamais um viver sem escolha, isto é, poderá haver jamais ação sem abstenção ou carencia agressiva? Poderá haver ação espontanea e portanto livre do conflito dos opostos? Poderá haver jamais uma vida de plenitude sem o processo mirrante da disciplina, da abstenção, do temor e da frustração? Será tal estado de profunda compreensão jamais possivel? Pergunto a mim mes-

mo quantos de vós estão vitalmente concientes deste conflito existente no campo de batalha da mente.

Uma vida de plenitude, de ação isenta de escolha, liberta do processo mirrante da subjugação e da substituição, é possivel. Como se ha de realizar esse estado? Os sistemas e metodos não podem produzir esse feliz estado da mente. Esta condição de vida, isenta de escolha, deve vir á existencia natural e espontaneamente; não pode ser procurada. Não é para ser compreendida, realizada ou conquistada por meio da disciplina, por meio de um sistema. O individuo pode condicionar a mente por meio do trenamento, da disciplina e da compulsão, porém semelhante condicionamento não pode nutrir o pensamento ou despertar a profunda inteligencia. A mente assim treinada é como o solo esteril.

Poucos de nós estão profundamente concientes do conflito com seu sofrimento, suas incertezas evasivas e sutis, e ao mesmo tempo dessa luta pelas certezas nas quaes a mente confia para sua segurança e conforto. A conciencia profunda e vital do conflito é como o cultivo do solo. Só se deve proceder á cultivação do solo, só se deve dar o apercebimento, isento de escolha, do conflito. Ora, quando ha conflito ha ou o desejo de lhe escapar ou o desejo de se servir dele para uma futura consecução. Porém deve haver apenas a profunda conciencia do sofrimento, do conflito, que é sómente o cultivo do solo, e a mente não deve permitir-se a busca de remedios, de substituições, de escapúlas. O que deve haver é a cultura do solo, o levante, a revolução da mente, e a-pesar disso, ao mesmo tempo, a quietitude, a percepção silenciosa, sem negação aceitação ou resignação. A mente, quando em conflito, busca

imediatamente um remedio, e por esse modo cria artificialmente uma escapúla para si propria, embaraçando por essa maneira a plena compreensão do sofrimento; porém só mediante o discernimento espontaneo pode haver essa direta compreensão que produz o ajustamento á vida, isento de escolha. Onde ha imitação, deve haver tambem medo, e a ação imitativa é desprovida de inteligencia. A disciplina da compulsão, do temôr, conduz ao lento emurchecer da mente e assim não se pode dar essa relação espontanea e isenta de escolha para com o ambiente, a unica que é ação reta.

Só póde haver reta ação quando ha a compreensão do processo integral do "eu", que mais não é que o processo da ignorancia. Enquanto não existir o discernimento do processo da conciencia, deste vasto complexo de ignorancia, de memorias, de carencias, de tendencias e conflitos, a mera imitação da conduta não pode absolutamente produzir ordem inteligente e harmoniosa no mundo e felicidade para o homem. Semelhante imitação pode produzir uma ordem superficial de industrialismo economico, mas não pode crear inteligencia. Para compreender o pleno significado do processo do "eu" é essencial a persistencia inteligente, não o apèrcebimento ocasional em raros momentos.

A ação nacida da carencia ou do temôr só pode intensificar a ignorancia e aumentar a limitação, e por esse modo manter o processo do "eu". Pela cessação voluntaria da carencia e do temôr, desperta-se a inteligencia. O despertar da inteligencia é o começo da verdadeira ação. Sómente esta inteligencia pode produzir o ajustamento espontaneo á vida, sem compulsão de escolha.

PERGUNTA: — Como poderei despertar a inteligencia?

KRISHNAMURTI: — Onde não ha inteligencia deve haver sofrimento. A inteligencia pode ser desperta pela percepção, sem escolha, da mente, que está criando para si mesma escapúlas, por dividir-se a si propria em diversas partes, em carencias diferentes. Se a mente estiver apercebida dessas divisões ilusorias com seus valores, então dar-se-á o despertar da inteligencia. O processo da escolha é apenas uma carencia vencendo outra, uma ilusão dissipando outra, um conjunto de valores substituindo-se a outro. Esta dualidade da conciencia perpetúa o conflito e a tristeza; e o conflito é a falta de ação integral.

PERGUNTA: — Percebo que a libertação do individuo é essencial; mas como poderá ser estabelecida a ordem social perduravel sem o esforço da massa?

KRISHNAMURTI: — Em todas as minhas palestras tenho salientado a necessidade absoluta da compreensão individual. A ordem social é a resultante da compreensão individual. A enfase dada á libertação individual não é o encorajamento das atividades egoistas ou da auto-expressão estreita. Só libertando o pensamento das limitações que agora estropiam a mente é que a inteligencia pode ser desperta, e só a inteligencia pode produzir a verdadeira ordem social. Sermos responsaveis pelas nossas ações e sermos integraes em nosso pensamento, implica a plenitude do ser, especialmente em um mundo onde os movimentos de massa parecem revestir-se da maior importancia. E' comparativamente facil crear o entusiasmo das massas para uma ação concertada, porém

é muito dificil compreendermo-nos a nós mesmos e agir retamente. Só da profunda compreensão póde provir a cooperação e a ordem social perduravel.

Estas palestras não se destinam a provocar esforços por parte das massas ou uma ação concertada; elas só podem auxiliar a criar a compreensão e o esforço individuaes, e portanto a libertar o individuo da prisão da limitação auto-creada. Sómente o despertar da compreensão integral de si proprio, que é discernimento sem escolha, produzirá a verdadeira ordem social em um mundo livre de odio e exploração.

PERGUNTA: — Pertence a arte ao mundo da ilusão ou á realidade? Que relação tem a arte com a vida?

KRISHNAMURTI: — A arte divorciada da vida não tem realidade. A arte não deveria ser uma expressão superficial da vida dual do homem, mas sim uma expressão integral do homem indivisivel. Presentemente a arte expressa apenas um aspeto do homem, e portanto apenas acentúa a divisão. Existe assim uma extranha separação entre a vida atual e a arte. Quando a arte é a verdadeira e integral expressão do homem, de sua vida e das suas atividades, então ela é da realidade e tem relação direta comnosco e com o nosso ambiente.

PERGUNTA: — Quando nos defrontamos com a angustia produzida pela morte de alguem a quem profundamente amamos, é dificil sustentar que a vida é a mais essencial das cousas e que a consideração do além é futil. Por outro lado, perguntamo-nos se a vida, no fim de contas, será algo mais do que os processos biologico e fisiologico condicionados pela here-

ditariedade e pelo ambiente, como sustentam alguns cientistas. Nesta confusão, que se deve fazer? Como pensar e agir para saber a verdade?

KRISHNAMURTI: — Como o proprio interrogante salienta, alguns cientistas sustentam que a hereditariedade explica as tendencias e peculiaridades do individuo, e outros afirmam que ele é o resultado do ambiente, méramente uma entidade social. Destas afirmações que nos confundem, qual devemos escolher? Que é o homem? Como compreenderemos o significado da morte e a profunda angustia que a acompanha? Aceitando meramente as varias afirmações, poderemos resolver a tristeza e o misterio da morte? Seremos capazes de escolher por entre essas explicações aquela que é verdadeira? Será isso um assunto de escolha?

O que é escolhido não pode ser verdadeiro. O real não pode ser encontrado nos opostos, porque os opostos são apenas o jogo reciproco de reações. Se o que é verdadeiro não pode ser encontrado nos opostos e o que é escolhido não conduz á compreensão da verdade, então que se deve fazer? Deveis compreender por vós mesmos o processo do vosso proprio ser e não aceitar meramente as investigações dos cientistas ou as afirmações das religiões. Ao discernirdes plenamente o processo do vosso proprio ser, sereis capazes de compreender o sofrimento e a angustia da solidão que advém com a sombra da morte. Enquanto não perceberdes profundamente o processo de vós mesmos, a consideração do além, a teoria da reincarnação, a explicação dos espiritas têm de permanecer superficiaes, proporcionando consolação temporaria que só impede o despertar da inteligencia. O discernimento é essencial para a compreensão do processo do "eu".

E' só por meio do discernimento que podereis resolver os multiplos problemas que o processo do "eu" sempre cria para si mesmo.

Procuraes libertar-vos do sofrimento por meio de explicações, de entorpecentes, da bebida, dos divertimentos ou da resignação, e não obstante o sofrimento continúa. Se quizerdes pôr fim á tristeza, precizaes de compreender o processo de divisão na consciencia que cria conflito e torna a mente um campo de batalha de muitas carencias. Pelo discernimento sem escolha desperta-se a intuição creadora, a inteligencia, que é a unica a poder libertar a mente-coração dos multiplos processos sutis da ignorancia, da carencia e do medo.

Sexta palestra em Ommen

Em 2 de Agosto de 1936.

PERGUNTA: — Quais são, na sua opinião, os principios basicos segundo os quais devem ser criadas e educadas as crianças? Será sempre justificada a nossa presunção de que as crianças são capazes de conhecer o que é bom e reto para elas e que quanto menor interferencia e guia houver da parte dos adultos, melhor?

KRISHNAMURTI: — Os multiplos problemas relativos á educação das crianças só podem ser resolvidos compreensiva e integralmente. A humanidade está sendo educada e arregimentada de acôrdo com certas idéas filosoficas, industriais e religiosas. Se o homem nada mais é do que o resultado do ambiente e da hereditariedade, se elle é apenas uma entidade social, então certamente quanto maior a arregimentação, quanto maiores forem a orientação, a imposição e a compulsão, melhor. Se assim fôr, então a partir de edade muito tenra a criança deve ser controlada, e as suas reações mais intimas para com a vida devem ser corrigidas e disciplinadas de acôrdo com a necessidade industrial e com a moral biologica.

Em oposição a esta concepção ergue-se a fé sustentando que existe só uma força universal transcendente que é Deus, e que tudo faz parte dele e nada lhe é desconhecido. Então, o homem não é livre e seu destino está predeterminado. Na fé ha tambem arregimentação de pensamento por meio da crença e do ideal. O que chamamos educação religiosa é apenas o forçar do individuo a adaptar-se a certas idéas, padrões de moral e conclusões estatuidas pelas organizações religiosas.

Se examinardes ambos estes opostos, isto é, as afirmações da fé e as da ciencia, vereis que embora estejam em oposição, ambas modelam o homem, grosseira ou sutilmente, cada uma de acôrdo com o seu padrão particular.

Antes de podermos saber como educar as crianças ou a nós mesmos, devemos compreender o significado desses opostos. Pela fé, por meio do temor e da compulsão, criámos um sistema de pensamento e conduta a que damos o nome de religião e ao qual nos estamos ajustando constantemente; ou, pela continua afirmação de que o homem é apenas uma entidade social, um produto do ambiente e da hereditariedade, criámos uma moral superficial, ôca e esteril. Portanto, antes de podermos educar as crianças ou a nós mesmos, temos de compreender o que é o homem.

Nosso pensamento e ação brotam umas vezes da fé e outras vezes das reações de necessidades biologicas ou industriais. Quando ha ardente ansiedade, temor, incerteza, voltamo-nos para Deus, afirmamos que existe uma força transcendental que nos guia, e com a moral da fé procuramos viver em um mundo de oportunismo, de odio e de crueldades. Assim, inevitavelmente ha conflito entre o sistema da fé e o sis-

tema da moral egoista. Por nenhum destes sistemas que se opõem reciprocamente, podemos discernir o que é o homem.

Como havemos, pois, de descobrir o que é o homem? Devemos primeiramente aperceber-nos do nosso pensamento e ação e libertal-os da fé, do temôr e da compulsão. Devemos desembaraçal-os da reação e do conflito dos opostos nos quais estão presentemente cativos. Estando alerta e constantemente apercebidos, descobriremos por nós mesmos o verdadeiro processo da conciência. Procurei explicar esse processo em minhas varias palestras.

Ao invés de pertencermos a qualquer dos sistemas opostos de pensamento — o da fé e o da ciência — devemos ir acima e além dêles, e só então discerniremos o que é verdadeiro. Então veremos que ha muitas energias cujos processos são unicos, e que não existe só uma força universal que põe em movimento essas energias separadas. O homem é esta energia unica auto-ativa que não tem começo. Em seu desenvolvimento auto-ativo ha conciência da qual surge a individualidade. Este processo é auto-mantido por meio de suas proprias atividades de ignorancia, preconceito, carencia e temôr. Enquanto o processo da ignorancia e da carencia existir, tem que haver mêdo com suas multiplas ilusões e escapulas; deste processo surgem o conflito e o sofrimento.

Se verdadeiramente discernirmos este processo auto-mantenedor de ignorancia, então teremos uma atitude inteiramente diferente em relação ao homem e á sua educação. Então não haverá a compulsão da fé ou da moral superficial, mas sim o despertar da inteligência que a si propria se ajustará a todas as provocações da vida. Enquanto realmente não compreendermos o significado de tudo isto, a mera busca

de um outro sistema de educação é completamente vã. Para despertar a inteligência criadora, de modo que cada ser humano seja capaz de espontaneo ajustamento á vida, tem que haver profundo discernimento do processo de si proprio. Nenhum sistema filosofico pode auxiliar o individuo a compreender-se a si mesmo. A compreensão surge sómente pelo discernimento do processo do "eu" com sua ignorancia, suas tendencias e temôres. Onde houver profunda e creadora inteligencia haverá reta educação, reta ação e relações retas com o ambiente.

PERGUNTA: — Não conduz a experiencia á plenitude da vida?

KRISHNAMURTI: — Vemos muitas pessoas passar por experiencias repetidas, multiplicando as sensações, vivendo as memorias passadas com antecipações futuras. Vivem esses individuos uma vida de plenitude? Produzem as lembranças acumulativas a plenitude da vida? Ou existe sómente plenitude da vida quando a mente está aberta, vulneravel, completamente desnuda de todas as memorias auto-protetoras?

Quando ha ação integral, sem a divisão de multiplas carencias, ha plenitude, inteligencia, a profundeza da realidade. O mero acumulo da experiencia ou viver na sensação da experiencia não é mais que o enriquecimento superficial da memoria que proporciona uma sensação artificial de plenitude por meio do estimulo. O simples enriquecimento da memoria não é plenitude da vida; isso apenas constroe outras paredes auto-protetoras contra o movimento da vida, contra o sofrimento. As paredes auto-protetoras da memoria impedem a espontaneidade da vida e acres-

centam a resistencia, intensificando dest'arte a tristeza e o conflito. As memorias acumulativas da experiencia não produzem compreensão nem a força da profunda plasticidade.

A memoria guia-nos através das experiencias. Acercamo-nos de cada nova experiencia com mente condicionada, mente já sobrecarregada de memorias auto-protetoras de temores, de preconceitos e tendencias. A memoria está sempre condicionando a mente e creando para si mesma um ambiente de valores do qual se torna prisioneira. Enquanto existirem memorias auto-protetoras e emquanto estas dérem continuidade ao processo do "eu", não póde haver plenitude da vida.

Portanto, devemos compreender o processo da experiencia e perceber como a mente está sempre tirando da experiencia lições que se tornam sua guia. Estas lições, esses ideais e guias, que são apenas memorias auto-protetoras, constantemente ajudam a mente a fugir da atualidade. Embora a mente procure evadir-se do sofrimento, auxiliada por essas memorias, por esse modo ela apenas acentúa o temôr, a ilusão e o conflito. A plenitude da vida só é possivel quando a mente-coração estiver integralmente vulneravel ao movimento da vida, sem nenhum obstaculo artificial e auto-creado. A riqueza da vida advém quando a carencia, com suas ilusões e valores, tivér cessado.

PERGUNTA: — Por favor, falae-nos a respeito da beleza e do extase da liberdade. E' possivel atingir esse estado feliz sem utilizar a meditação ou outros metodos adequados ao nosso estagio?

KRISHNAMURTI: — Porque desejaes que eu vos fale acerca da beleza e do extase da liberdade?

E' com o fim de terdes uma nova sensação, um novo quadro imaginativo, um novo ideal? Ou será porque esperaes crear em vós proprios, pela minha descrição, uma segurança, uma certeza? Desejaes ser estimulados. Assim como ao lerdes uma poesia sois arrebatados pela momentanea visão da fantasia do poeta, assim quereis o estimulo da minha descrição. Quando contemplaes um belo quadro, sua beleza vos faz, por algum tempo, sair do vosso conflito, miseria e temôr diarios. Fugis, mas breve voltais á vossa tristeza. De que vos serve minha descrição do indescritivel? Não ha palavras que o possam medir. Não perguntemos, portanto, o que é a verdade, o que é a liberdade.

Sabereis o que é a liberdade quando fôrdes profundamente concientes das paredes da vossa prisão, porque esse mesmo apercebimento dissolve as limitacões auto-creadas. Ao perguntardes o que é a verdade, o que é o extase da liberdade, estaes apenas pedindo uma nova escapúla do fatigante fardo da luta diaria, da paixão, do odio. Ocasionalmente apercebemo-nos da beleza do indescritivel, mas esses momentos são tão raros que a eles nos aferramos pela memoria e procuramos viver no passado, com a atualidade sempre presente. Isto serve apenas para criar e perpetuar o conflito e a ilusão. Não vivamos pela imaginação em um futuro antecipado, mas sejamos concientes das nossas lutas e temores de todos os dias.

Ha uns poucos que, compreendendo o processo auto-mantenedor da ignorancia, lhe puzeram termo voluntariamente. E ha os muitos que quasi fugiram ao atual; estes não podem discernir o real, o eterno vir-a-ser. Nenhum sistema filosofico ou cientifico os pode conduzir ao extase da verdade. Nenhum sistema de meditação os pode libertar das ilusões. conflitos

e miserias auto-gerados e auto-ativos, que são tão insistentes que ajudam a criar aquelas condições que impedem a fruição da inteligencia. Vós entendeis por meditação um conjunto de regras, uma disciplina que, seguida, esperaes vos auxilie a despertar a inteligencia. Pode a compulsão, seja a da recompensa seja a da punição, produzir a intuição creadora da realidade? Não deveis estar concientes, profundamente apercebidos do processo da ignorancia, da carencia que cria outras carencias, gerando sempre, por esse modo, o temôr e a ilusão? Quando realmente começardes a aperceber-vos deste processo, esse mesmo apercebimento é meditação, não a meditação artificial de uns poucos minutos durante o dia, em que vos afastaes da vida para contemplar a vida. Julgamos que afastando-nos da vida, mesmo que seja por um minuto, compreenderemos a vida. Para compreendermos a vida devemos estar no fluxo da vida, no movimento da vida. Devemos ser conhecedores do processo da ignorancia, da carencia e do mêdo, pois que somos esse mesmo processo. Quer-me parecer, a meu pezar, que muitos dentre vós que me ouvem frequentemente mas que não experimentam o que eu digo, apenas adquirirão uma nova terminologia, sem essa mudança fundamental de vontade que é a unica a poder libertar a mente-coração do conflicto e da tristeza. Em vez de pedirdes um metodo de meditação, o que nada mais é que um indice de anseio por uma escapúla da atualidade, discerní por vós mesmos o processo da ignorancia e do temôr. Este profundo discernimento é meditação.

PERGUNTA: — Dizeis que a disciplina é futil, seja ela externa ou auto-imposta. Entretanto, quando se toma a vida a serio, o individuo submete-se inevi-

tavelmente a uma especie de auto-disciplina voluntaria. Ha algum mal nisso?

KRISHNAMURTI: — Tenho-me esforçado por explicar que a conduta nacida da compulsão, seja a da recompensa ou a da punição, a do temôr ou do amor, não é reta conduta. E' mera imitação, é forçar e trenar a mente de acôrdo com certas idéas afim de evitar conflito. Esta especie de disciplina, imposta ou voluntaria, não conduz á reta conduta. A reta conduta só é possivel quando compreendermos o pleno significado do processo auto-ativo da ignorancia e o re-formar da limitação pela ação da carencia. No discernimento profundo do processo do temôr dá-se o despertar daquela inteligencia que produz a reta conduta. Pode a inteligencia ser desperta pela disciplina, imposta ou voluntaria? Será isso questão de trenar o pensamento de acôrdo com um molde particular? Despertar-se-á a inteligencia pelo mêdo que vos impele a vos subjugardes a um padrão de moral? A compulsão, de qualquer especie que seja, externa ou voluntariamente imposta, não pode despertar a inteligencia, porque a imposição é resultante do temôr. Onde ha mêdo não pode haver inteligencia. Onde funciona a inteligencia ha ajuste espontaneo sem o processo da disciplina. Portanto, a questão não é se a disciplina é certa ou errada, ou se é necessaria, mas como pode a mente libertar-se do temôr auto-creado. Pois quando ha libertação do temôr, não existe o sentimento da disciplina, mas apenas a plenitude da vida.

Qual é a causa do mêdo? Como é o temôr engendrado? Qual o seu processo e expressão? Haverá mêdo enquanto existir o processo do "eu", a conciencia da carencia, que limita a ação. Toda a ação

nacida da limitação da carencia cria apenas mais limitações. Esta mudança continua de carencia, com suas multiplas atividades, não liberta a mente do temôr; dá apenas ao processo do "eu" identidade e continuidade. A ação nacida da carencia tem sempre que criar temôr e assim embaraçar a inteligencia e dificultar o ajustamento espontaneo á vida.

Ao invés de me perguntardes se é certo ou errado o vos disciplinardes, sêde concientes de vossa propria carencia, e então vereis como o mêdo vem á existencia e se perpetúa. Ao invés de vos desejardes libertar do mêdo, sêde profundamente concientes da carencia, sem compulsão de qualquer especie. Então dar-se-á a cessação do temôr, o despertar da inteligencia e a profunda plenitude da vida.

Setima palestra em Ommen

Em 3 de Agosto de 1936.

Para discernir a realidade, a mente deve ser infinitamente plastica. A maioria de nós pensa que além e acima da mente existe a realidade, que além e acima desta conciencia de conflito e limitação, de prazer e tristeza, está a verdade. Mas para compreender a realidade, a mente deve compreender suas proprias creações, suas proprias limitações. Para discernir o processo da conciencia que tanto é concepcional como atual, para penetrar profundamente em suas tremendas sutilezas, a mente deve ser primorosamente plastica e tem que haver pensamento integral. O pensamento integral não é o resultado do treinamento, do contrôle ou da imitação. A mente que não é dividida em opostos, que é capaz de perceber diretamente, não pode ser a resultante do treinamento. Não é o resultado de uma vontade dominando outra vontade, de uma carencia vencendo outra carencia. Toda a antitese no pensamento tem que ser falsa. A mente, dividindo-se, usa conciente ou inconcientemente de um artificio para consigo mesma. Treinamento e contrôle indicam um processo de dualidade na carencia, que produz conflito na conciencia.

Onde ha conflito, subjugação, vencimento, combate de antiteses, não pode haver plasticidade, a mente não pode ser sutil, penetrante, discernente. Pelo conflito dos opostos a mente torna-se condicionada; e o pensamento condicionado cria outras limitações e, assim, o processo de condicionamento é continuado. Este processo impede a plasticidade.

Como se ha de produzir aquele estado que não é o resultado do conflito dos opostos?

Devemo-nos tornar apercebidos do conflito dos opostos que tem lugar em cada um de nós, sem nos identificarmos com um dos opostos e sem intervirmos no conflito. O conflito revolve a mente e, como a mente não gosta de ser agitada, busca um caminho artificial para sair dessa condição de disturbio. Semelhante caminho só pode ser uma escapúla ou um oposto, que apenas cria para a mente outra limitação. Estar em conflito e, ao mesmo tempo, vibrantemente tranquilo, sem o aceitar nem rejeitar, não é facil. Estar em estado de conflito e, ao mesmo tempo, não buscar remedio ou escapula, produz pensamento integral. Isto é reto esforço.

Para libertar a mente do conflito dos opostos deveis tornar-vos conhecedores do processo de vencer uma parte da conciencia por outra, uma divisão por outra. A este processo chamais treinamento da mente; porém ele nada mais é que a formação de um habito nacido dos opostos.

Consideremos a mente cativa da autoridade. Existe a autoridade da compulsão externa, dos grupos, dos "leaders", das opiniões, das tradições. Talvez cedais a essa autoridade sem compreendel-a plenamente, afirmando que o fazeis por deliberação voluntaria; se, porém, realmente vos examinardes a vós mesmos, vereis que nessa deliberação existe um desejo profundo de se-

gurança, que cria o mêdo, e para vencerdes esse mêdo submeteis-vos á autoridade. Ha tambem a autoridade sutil, subjetiva, de memorias acumulativas, de preconceitos, temores, antipatias, carencias, que se tornaram valores, ideaes e padrões. Se examinardes isto profundamente, vereis que a mente está constantemente aceitando e rejeitando a autoridade e condicionando-se por novos valores e padrões nacidos da ansia de auto-proteção e segurança. Podereis dizer a vós mesmos que não estaes de modo algum buscando a segurança que cria as multiplas formas sutis de autoridade, mas se observardes, vereis que estaes buscando a insegurança afim de vos convencerdes da falsidade da segurança. Portanto, a ideia da insegurança torna-se apenas outra forma de segurança e de autoridade. Quando regeitaes a autoridade e dela buscaes libertar-vos, procuraes apenas uma antitese; ao passo que a verdadeira liberdade, o estado inteligente e desperto da mente, está para além dos opostos. E' essa tranquilidade vibrante do pensamento profundo, do apercebimento sem escolha, essa intuição creadora, que é plenitude da vida.

PERGUNTA: — Se eu estiver em conflito com a familia, os amigos, os patrões e as leis do estado, emfim com as varias formas de exploração, o fato de buscar a libertação de tudo que prende, não tornará a vida praticamente impossivel?

KRISHNAMURTI: — Provavelmente assim aconteceria se simplesmente buscasseis a libertação como um oposto ao conflito e, portanto, como uma evasão á atualidade. Se quizerdes tornar a vida pratica, vital, então deveis compreender todo o processo da exploração, tanto o evidente como o insidioso. A mera

fuga ao conflito com a familia, os amigos e o ambiente não vos libertará da exploração. E' só compreendendo o significado de todo o processo de exploração, que ha inteligencia. A inteligencia torna a vida possivel, pratica e vital. Entendo por inteligencia não o processo superficial, inteletual, porém, aquela mudança de vontade que é produzida pela plenitude integral de todo o nosso ser.

Conhecemos bem as formas obvias de exploração, porém ha muitas formas sutís de que somos inconcientes. Se realmente quizerdes compreender a exploração em suas formas obvias e sutís, deveis discernir o processo do "eu", esse processo que nace da ignorancia, da carencia e do temôr. Toda a ação nacida desse processo deve implicar a exploração. Muita gente afasta-se do mundo para contemplar a realidade e tem esperança de pôr fim ao processo do "eu". Não vos deverieis afastar da vida para considerar a vida. Esta escapúla não finalisa o processo do "eu" da ignorancia, da carencia e do temôr. Viver é estar em relação; e quando essa relação começa a tornar-se enfadonha e limitada, cria conflito, sofrimento. Então ha o desejo pelo oposto, uma escapúla das relações. Muitas vezes, consegue-se fugir. Mas só para uma vida superficial, árida, de temôr e de ilusão, que intensifica o conflito e traz a lenta decadencia. E' esta escapúla que não é pratica e traz confusão. Se quizerdes despojar a vida de toda a sua fealdade e crueldade deveis, pelo reto esforço, pôr termo ao processo auto-mantenedor da ignorancia.

PERGUNTA: — Se a verdade está além e acima de todas as limitações, deve ser cosmica e portanto abranger todas as expressões da vida. Seme-

lhante conciencia cosmica não deveria, portanto, incluir o entendimento de todos os aspetos e atividades da vida, sem excluir nenhum?

KRISHNAMURTI: — Não nos preocupemos com o que seja conciencia cosmica, verdade, e assim por diante. Aquilo que é real será conhecido quando as varias formas de ilusão houverem cessado. Como a mente é capaz de enganos tão sutis e tem o poder de crear muitas ilusões por si mesma, nossa preocupação não deveria ser com o estado da realidade, e sim com o dissolver dos multiplos enganos que conciente ou inconcientemente vão brotando. Pertencendo a uma organização religiosa com seus dogmas, crenças, credos, ou pertencendo ao numero dos novos nacionalistas dogmaticos, tendes a esperança de realisar Deus, a verdade ou a felicidade humana. Como pode, porém, a mente compreender a realidade se está torcida pelas crenças, preconceitos, dogmas e temores? Só quando estas limitações forem dissolvidas poderá surgir a verdade. Não preconcebais o que é, para depois ajustardes as vossas carencias a esta concepção.

Para amar o proximo, supondes que deveis pertencer a qualquer nacionalidade; para amar a realidade, pensaes ser necessario pertencer a alguma religião organisada. Como não temos capacidade para discernir a verdade por entre as muitas ilusões que saturam a nossa mente, enganamo-nos a nós mesmos pensando que o falso, bem como o verdadeiro, que o odio, assim como o amor, são partes essenciaes da vida. Onde ha amor não pode existir odio. Para compreenderdes a realidade não necessitaes de passar por todas as experiencias da ilusão.

PERGUNTA: — Como poderemos resolver o problema do sexo?

KRISHNAMURTI: — Onde ha amor não existe problema do sexo. Isso só se torna um problema quando o amor é substituido pela sensação. Portanto, a questão realmente é: como controlar a sensação. Se existisse a chama vital do amor, o problema do sexo cessaria. Atualmente o sexo tornou-se um problema devido á sensação, ao hábito e ao estimulo, pelos muitos absurdos da moderna civilisação. A literatura, os cinemas, os anuncios, a palestra, o vestuario — tudo isso estimula a sensação e intensifica o conflito. O problema do sexo não pode ser resolvido separadamente, sósinho. E' futil procurar compreendel-o pela moral cientifica ou do procedimento. As restrições artificiaes podem ser necessarias mas só podem produzir uma vida arida e superficial.

Todos nós possuimos a capacidade para um amor profundo e abrangente, porém, pelo conflito e pelas falsas relações, pela sensação e pelo habito destruimos sua beleza. Pelo espirito de posse com suas multiplas crueldades, por toda essa fealdade da exploração reciproca, extinguimos lentamente a chama do amor. Não podemos manter a chama artificialmente acesa, mas podemos despertar a inteligencia, o amor, pelo constante discernimento das multiplas ilusões e limitações que presentemente dominam a nossa mente-coração, todo o nosso ser. Portanto, o que temos de compreender é: não que especie de restrições, cientificas ou religiosas, deveriam ser impostas ás carencias e sensações, mas sim como produzir profundo e perduravel preenchimento. Somos frustrados por todos os lados; o temôr domina a nossa vida moral e espiritual, forçando-nos a imitar, a nos conformarmos a falsos valores e ilusões. Não ha expressão creadora de todo o nosso ser, seja no trabalho, seja no pensamento. Assim, a sensação torna-se

monstruosamente importante e os seus problemas tornam-se avassaladores. A sensação é artificial, superficial e se não penetrarmos profundamente na carencia e não compreendermos seu processo, nossa vida será superficial e completamente vã e miseravel. A méra satisfação da carencia ou a mudança continua na carencia destroem a inteligencia, o amor. Só o amor pode libertar-vos dos problemas do sexo.

PERGUNTA: — Dizeis que nos podemos tornar plenamente apercebidos desse processo do "eu" que está focalisado em cada um de nós individualmente. Significa isto que nenhuma experiencia pode ter valor senão para a pessôa que a realisa?

KRISHNAMURTI: — Se estaes condicionando o pensamento pela vossa propria experiencia, como poderá a experiencia de outrem libertal-o? Se condicionasteis a vossa mente pelas vossas proprias atividades volitivas, como pode a compreensão de outrem libertar-vos? Póde-vos estimular superficialmente, porém, semelhante auxilio não é perduravel. Se compreenderdes isto, então todo o sistema daquilo que é chamado auxilio espiritual através da adoração, da disciplina ou de mensagens vindas do além, tem muito pouco significado. Se discernirdes que o processo do "eu" se sustenta a si mesmo pelas suas proprias atividades volitivas nacidas da ignorancia, da carencia, do temôr, então a experiencia de outrem muito pouco significado pode ter. Grandes instrutores religiosos declararam o que é moral e verdadeiro. Seus seguidores apenas os imitaram e por isso não realizaram o preenchimento. Se disserdes que necessitamos de ideaes para viver de acordo com eles, isto indica simplesmente que ha medo em vossa mente-coração. Os

ideaes criam dualidade na conciencia e assim apenas continuam o processo do conflito. Se perceberdes que o despertar da inteligencia é o fim do processo do "eu", então haverá espontaneo ajustamento à vida, relações harmoniosas com o ambiente, em lugar da compulsão do temôr, ou da imitação de um exemplo, cousa que apenas aumenta o processo do "eu" que é ignorancia, carencia e temôr.

Agora, se cada um de vós realmente percebesse isto, asseguro-vos que haveria uma vital mudança em vossa vontade e atitude para com a vida. Perguntam-me frequentemente: Não deveriamos ter autoridade? Não deveriamos seguir os Mestres? Não deveriamos ter disciplina? Outros ha que dizem: "Não nos faleis em autoridade porque já a ultrapassámos". Enquanto o processo do "eu" continuar, tem que haver as muitas formas sutís de autoridade, de carencia, com seus temores, ilusões e compulsão. A autoridade do exemplo indica que ha mêdo, e enquanto não compreendermos o processo do "eu", os meros exemplos tornar-se-ão apenas obstaculos.

PERGUNTA: — Existe um ser qualquer como Deus, fóra do homem? Tem a ideia de Deus algum valor para vós?

KRISHNAMURTI: — Porque me fazeis essa pergunta? Quereis que vos encoraje em vossa fé ou que vos apoie em vossa descrença? Ou Deus existe ou não existe. Alguns afirmam que existe, outros negam. O homem está perplexo por essas contradições.

Para discernir o atual, o real, a mente deve estar livre dos opostos. Expliquei que o mundo é feito de forças unicas que não têm principio, que não são propulsionadas por uma força suprema ou por

uma energia transcendental e unica. Vós não podeis compreender qualquer outro processo de energia a não ser aquele que está focalisado em vós, que é vós mesmos. Esta energia unica, em seu desenvolvimento auto-ativo torna-se conciencia, criando as suas proprias limitações e ambiente, tanto conceptivo como atual.

O processo do "eu" é auto-mantenedor pelas suas proprias atividades volitivas de ignorancia e carencia. Enquanto o processo do "eu" continuar tem que haver conflito, temor, e dualidade na ação. Pondo termo às atividades volitivas, ha a felicidade, o amor do verdadeiro. Quando sofreis, não consideraes a causa de todo o processo do sofrimento, mas apenas desejaes escapar para uma ilusão a que chamaes felicidade, realidade, Deus. Se toda a ilusão é percebida e ha profundo discernimento da causa do sofrimento, que desperta o reto esforço, então ha o imensuravel, o incognoscivel.

PERGUNTA: — Tem a ideia da predestinação alguma validade atual?

KRISHNAMURTI: — A ação surgindo, a cada momento, da limitação, da ignorancia, modifica e renova o processo do "eu" dando-lhe continuidade e identidade. Esta continuidade de ação através da limitação é predestinação. Pelos vossos proprios atos estaes sendo condicionados, mas a qualquer momento podeis romper a cadeia da limitação. Sois, portanto, um agente livre a todos os instantes, porém estaes-vos condicionando pela ignorância e pelo temôr. Não sois o joguete de alguma entidade, de alguma força misteriosa, bôa ou má. Não estaes à mercê de quaesquer forças erradias no mundo. Não estaes mera-

mente controlados pela hereditariedade ou pelo ambiente.

Ao pensarmos acerca do destino, imaginamos que o nosso presente e o nosso futuro são determinados por alguma força externa e, portanto, cedemos à fé. Aceitamos, pela autoridade da fé, que uma energia unica qualquer, inteligencia, Deus, já assentou o nosso destino. Em oposição á fé temos a ciencia, com suas explicações mecanicas da vida.

O que estou dizendo não pode ser compreendido pelos opostos. O pensamento está condicionado pela ignorancia e pelo temôr, e pelas suas proprias atividades volitivas sustenta-se a conciencia a si mesma e mantem sua identidade. A ação nacida da limitação deve crear outro condicionamento da mente; isto é, a ignorancia de si proprio forma uma cadeia de ações auto-limitadoras. Este processo de pensamento-ação auto-determinante e auto-limitativo dá identidade e continuidade à conciencia como sendo o "eu".

O passado é o fundo do pensamento-ação condicionado que domina e controla o presente e por essa forma cria um futuro pre-determinado. Um ato nacido do temôr cria certas lembranças ou resistencias auto-protetoras que determinam a futura ação. Assim o passado, controlando o presente, está projetando sua sombra no futuro. Forma-se assim uma cadeia que mantem o pensamento em cativeiro. O apercebimento sem escolha, deste processo, é o principio da verdadeira liberdade.

Se a mente fôr conhecedora do processo da ignorancia, pode libertar-se dele em qualquer momento. Se compreenderdes isto profundamente, vereis que o pensamento não precisa ser sempre condicionado por causa e efeito. Se isto fôr compreendido, vivído, ha liberdade vital, sem temôr, sem a superficialidade da antitese.

Oitava palestra em Ommen

Em 4 de Agosto de 1936.

Espero que tenhaes passado estes dez dias em pensamento fecundo, pois agora tendes novamente a defrontar a rotina diaria de conflitos e problemas em um mundo enlouquecido pelo odio. Durante estes poucos dias procurámos compreender de que maneira poderemos tratar dos multiplos e complexos problemas do homem. Sem profunda penetração no processo integral da luta humana, a resposta meramente superficial a reações, só pode conduzir a maior conflito e sofrimento. Espero que este acampamento tenha proporcionado a cada um de nós uma oportunidade de pensar integral, plena e verdadeiramente. Voltando para o mundo novamente, cada um de nós tem que contender com os multiplos problemas de seu ambiente religioso, social e economico, com suas divisões cheias de tristeza e de conflito.

Remontando cada problema até á sua causa, ficaremos libertos de conflitos? Estudando as reações, ser-nos-á possivel perceber a causa de toda a ação? A ciencia e a religião com suas afirmações em conflito só crearam divisões na mente. Como havemos nós, com os nossos intrincados e sutís problemas hu-

manos, de saber qual o verdadeiro centro ou causa de toda a ação com seu conflito e sofrimento? Enquanto não descobrirmos por nós mesmos este centro de ação e não n'o discernirmos compreensiva, integralmente, a simples analise de reações ou a confiança na fé, não libertarão a mente da ignorancia e da tristeza.

Se plenamente discernirmos o centro de toda a ação, produziremos uma formidavel mudança em nossos pontos de vista e atividades. Sem compreender o processo da ação, o mero ocupar-se com reformas sociaes ou mudanças economicas é completamente inutil; pode produzir resultados, porém só podem ser remedios superficiaes.

Ha muitas forças ou energias unicas, separativas, em ação no mundo, que não podemos compreender integralmente. Só podemos compreender fundamental e integralmente a energia unica que está focalisada em cada um de nós, que é o "eu". E' este o unico processo que podemos compreender.

Para compreenderdes o processo desta energia unica, o "eu", necessitais de profundo discernimento, não do estudo de deduções e analises inteletuaes. Necessitaes de uma mente capaz de grande plasticidade. Mente carregada de carencia e mêdo, que cria opostos e da qual surge a escolha, é incapaz de discernir o processo sutíl do "eu", o centro de toda a ação. Como expliquei, esta energia é unica; é condicionadora e condicionada ao mesmo tempo. Cria a sua propria limitação pela sua propria ação nacida da ignorancia. Esta energia unica, sem principio, em seu desenvolvimento auto-ativo tornou-se conciencia, o processo do "eu".

Esta conciencia que se condiciona a si mesma pelas suas proprias atividades volitivas, este processo do "eu" de ignorancia, de carencias, temôres e ilusões,

é o centro da ação. Este centro está de continuo reformando-se a si proprio e creando de novo sua propria limitação, por meio de suas atividades volitivas, e portanto ha sempre conflito, dôr e tristeza. E' preciso que haja mudança fundamental na conciencia, neste mesmo centro de ação; a mera disciplina e a autoridade dos ideaes não podem produzir a cessação do sofrimento e da tristeza. Tendes que discernir que o processo do "eu" com seu temôr e ilusão é transitorio e, por isso, pode ser dissolvido.

Muitos de vós sutilmente acreditam que o "eu" é eterno, divino, e que sem o "eu" não pode haver atividade, não pode haver amor e que com a cessação do processo do "eu" só pode existir aniquilamento. Portanto precisaes em primeiro logar discernir profundamente por vós mesmos se o processo do "eu" é perpetuo ou transitorio. Precisaes saber qual a sua natureza, o seu ser. Isto é tarefa muito dificil, pois a maioria de vós foi educada pela fé na tradição religiosa que vos faz apegar ao "eu" e vos impede de perceber a sua verdadeira essencia. Alguns de vós que puzeram de parte as crenças religiosas para só aceitarem os dogmas cientificos, acharão igualmente dificil conhecer a verdadeira natureza do centro de ação. A investigação superficial na natureza do "eu" ou a afirmação ocasional de sua divindade, indicam apenas uma essencial falta de entendimento da verdadeira natureza do processo do "eu".

Podeis discernir por vós mesmos o que ele é, assim como eu por mim mesmo conheço sua verdadeira natureza. Ao dizer isto, não o faço para encorajar a crença na minha compreensão do processo do "eu". Só quando **por vós mesmos** souberdes o que ele é, poderá ser posto termo a esse processo.

Com a cessação do processo do "eu" dá-se uma mudança de vontade, a unica que pode acabar com o sofrimento. Nenhum sistema nem disciplina podem produzir a mudança de vontade. Tornae-vos apercebidos do processo do "eu". No apercebimento sem escolha, cessa a dualidade que só existe na ação da carencia, do temôr e da ignorancia. Haverá simplesmente a percepçao do ator, com suas memorias, carencias, temores e suas ações; o centro unico percebendo-se a si proprio sem a si proprio se objetivar.

O mero contrôle ou a compulsão, uma carencia vencendo outra carencia, a simples substituição, é apenas uma mutação **na** vontade, que jamais poderá pôr termo ao sofrimento. A mudança **na** carencia é uma mudança em limitação, condicionamento ulterior do pensamento que resulta numa reforma superficial. Se houver mudança **de** vontade pela compreensão do processo do "eu", então haverá inteligencia, intuição criadora, da qual unicamente pode provir relação harmoniosa com os individuos, com o ambiente. Pelo discernimento do processo do "eu" que é ignorancia, advém o apercebimento. Ele é espontaneidade de ação sem escolha, não ação nacida do discernimento que contrabalança um ato com outro, uma reação com outra, um habito de pensamento com outro. Quando ha plena compreensão e, portanto, a cessação do processo do "eu", advém .uma vida isenta de escolha, uma vida de plenitude, uma vida de felicidade.

PERGUNTA: — Quando encontramos aqueles que estão colhidos pelo pensamento coletivo e pela psicologia da massa, fatores esses responsaveis por tanto cáos e luta que nos rodeiam, como poderemos desenbaraçal-os de sua mentalidade da massa e mostrar-lhes a necessidade do pensamento individual?

KRISHNAMURTI: — Desembaraçae-vos primeiro a vós mesmos da psicologia da massa, da irreflexão coletiva. Esse desenredar do pensamento das estulticies seculares é tarefa mui dificil. A irreflexão e a estulticie da massa existem em nós. Nós somos a massa, concientes de algumas das suas estulticies e crueldades, porém, na maior parte, inconcientes dos seus preconceitos, falsos valores e ideaes que nos vencem. Antes de poderdes desenredar a outrem, tendes que vos libertar vós mesmos do grande poder dessas carencias e temores. Isto é, deveis conhecer por vós mesmos quaes são as estulticies, quaes são esses valores que condicionam a vida e a ação. Alguns de vós são concientes dos falsos valores evidentes do odio, das divisões nacionaes e da exploração, porém não discernistes o processo dessas limitações nem dele vos libertastes. Ao começardes a perceber os falsos valores que vos prendem e a discernir o seu significado, sabereis que formidavel mudança tem lugar em vós. Só então podereis verdadeiramente ajudar a outrem. Embora talvez não vos torneis um "leader" de grandes multidões, embora não efetueis reformas espetaculares, se realmente alcançardes o significado do que estou dizendo, tornar-vos-eis como um oasis em um deserto ardente, como uma chama na escuridão.

O finalisar do processo do "eu" é o começo da sabedoria, a unica que pode trazer ordem inteligente e felicidade a este mundo caótico.

PERGUNTA: — Alguns de nós têm-vos escutado durante dez anos, e embora, como vós encorajantemente dizeis, tenhamos mudado um pouco, não mudámos radicalmente. Porque acontece isto? Devemos esperar pela instigação do sofrimento?

KRISHNAMURTI: — Não penso que necessiteis esperar pelo incitamento do sofrimento para mudardes radicalmente. Vós estaes sofrendo agora. Podeis estar inconcientes do conflito e da tristeza, mas estaes sofrendo. O que produz mudança superficial é o pensamento que busca remedios superficiaes, escapulas e segurança. A profunda mudança de vontade só pode produzir-se quando ha profunda compreensão do processo do "eu". Sómente nisto existe a plenitude de inteligencia e amor.

PERGUNTA: — Qual a vossa idéia de evolução?

KRISHNAMURTI: — E' obvio que existem a simplicidade e a grande complexidade; simplicidade e grande complexidade de forma; simplicidade e grande sutileza de pensamento; a roda simples de muitos milhares de anos passados e a complexa maquinaria dos nossos dias. O simples tornando-se complexo será evolução? Ao falardes em evolução não pensaes apenas na evolução da forma. Pensaes na sutíl evolução da conciencia a que chamais o "eu". Disto surge a pergunta: Haverá crecimento, uma continuidade futura, para a conciencia individual? Pode o "eu" tornar-se omnicompreensivo, permanente, perduravel?

Aquilo que é capaz de crecimento não é eterno. O que é perduravel, verdadeiro, está sempre vindo-a-ser. E' movimento sem escolha. Vós me perguntaes se o "eu" evolue, se se torna glorioso, divino. Contaes com o tempo para destruir e diminuir a tristeza. Enquanto a mente estiver ligada ao tempo, haverá conflito e tristeza. Enquanto a conciencia se identificar a si propria, reformando-se e renovando-se a si mesma, pelas suas proprias atividades de temôr, que ligam ao tempo, tem que haver sofrimento. Não é o

tempo que vos libertará do sofrimento. A ansia de experiencia, de oportunidade, a comparação de memorias, não podem trazer à existencia a plenitude da vida, o extase da verdade. A ignorancia procura a perpetuidade do processo do "eu"; e a sabedoria vem à existencia com a cessação da renovação auto-ativa da conciencia limitada. A mera complexidade da acumulação não é sabedoria, inteligencia. O mero acumulo, o crecimento, o tempo, não produzem a plenitude da vida. Estar isento de mêdo é o começo do entendimento, e o temôr está sempre no presente.

PERGUNTA: — Como vivo exemplo de alguem que atingiu a libertação, vós sois uma formidavel fonte de encorajamento para nós que estamos ainda envolvidos pelo sofrimento. Não haverá perigo em que, a nosso contragosto, esse mesmo encorajamento se torne um obstaculo para nós?

KRISHNAMURTI: — Espero não me estar tornando um exemplo para seguirdes, porque falo do processo de sofrimento e ignorancia, da ilusão da mente, dos falsos valores creados pelo mêdo, da liberdade da verdade. Um exemplo é um obstaculo; nace do temôr que conduz à compulsão e à imitação. A imitação de outrem não é a compreensão de nós mesmos. Para que o individuo se conheça a si proprio não pode seguir a outrem; não pode haver memorias compulsivas que impeçam o processo do "eu" de se revelar. Quando a mente tiver cessado de fugir do sofrimento para as ilusões e falsos valores, então esse mesmo sofrimento produzirá entendimento, sem os falsos motivos de recompensa e punição. O centro de ação é ignorancia e seu resultado é sofrimento. Seguir a outrem ou disciplinar a mente de acôrdo

com a autoridade de um ideal, não trará à existencia a plenitude da vida ou a beatitude da realidade.

PERGUNTA: — Existe no mundo um meio pelo qual possamos finalisar o insensato horror que vemos novamente perpetuado na Hespanha?

KRISHNAMURTI: — A guerra é o problema da humanidade. Como havemos de acabar com as barbaridades individuaes e em massa?

Para despertar a ação em massa contra os horrores, crueldades e absurdos da presente civilisação, tem que haver compreensão individual.

Começae por vós mesmos. Desarraigae os preconceitos e carencias horrivelmente crueis e conhecereis um mundo feliz. Desarraigae as vossas ambições pessoas e sutís explorações, o espirito de aquisição e a ansia do poder. Então tereis um mundo inteligente e ordenado. Enquanto houver crueldade e violencia no individuo, enquanto houver odio coletivo, o patriotismo e a luta têm de continuar.

Ao realisardes a vossa responsabilidade individual na ação, haverá a possibilidade da paz e do amor e das relações harmoniosas com o vosso proximo. Então haverá a possibilidade de finalisar o horror da luta, o horror do homem matando o homem.

THE STAR PUBLISHING TRUST

2123, North Beachwood Drive, Hollywood, California, U. S. A.

Vasanta Vihar, Adyar, Madras, India.

Ommen (O), Hollanda.

* * *

LISTA DE AGENTES E RESPECTIVO IDIOMA DAS PUBLICAÇÕES

CHECOSLOVACO

Mr. Joseph SKuta, Brafova, 1732, Moravska Ostrava — **Tcheco-Slovakia.**

DINAMARQUEZ

Mr. E. J. Wibolt, Gl Kongevej 86-A, Copenhague — **Dinamarca.**

HOLANDEZ

Mr. H. F. Willemsen, Tjijoeroeg, Java — **Indias Hollandezas.**

Mr. M. Ch. Bouwman, Reelaan 10, Den Dolder — **Hollanda.**

INGLEZ

Mr. John Mackay, "Myola", 2, David St., Mosman N. S. W. **Australia.**

The Star Publishing Agency, 147, Regent St., London, W. I. — **Ilhas Britanicas.**

Mr. N. A. Naganathan, 338, Dalhousie St., Rangoon — **Birmania.**

Mr. Jack Logie, 420, Vancouver St., Victoria, B. C. — **Canadá.**

S. P. T. Vasanta Vihar, Adyar, Madras — India.

Mrs. T. Tidswell, 66, Williamson, St., One Tree Hill, Auckland S. E. 3 — **Nova Zelandia.**

Miss Margaret Williamson, 939, Church Str., Pretoria — **Africa do Sul.**

S. P. T. Office, 2123, N. Beachwood Drive, Hollywood, California. — **Estados Unidos.**

FINLANDEZ

Miss Helmi Jalovaara Katajanokank, 8 D, Helsinki — **Finlandia.**

FRANCEZ

Mrs. L. Stadtsbaeder, 114, Rue de Theux, Bruxellas — **Belgica.**

Mr. E. Bondonneau, 4, Square Rapp, Paris, VII — **França.**

ALLEMÃO

Dr. Richard Weiss, Schelleingasse, 9, vii-6, Vienna, IV — Austria.

Dr. Annie Vigeveno, 7, Victoriastrasse, Berlin-Neubabelsberg — **Allemanha.**

Miss Esther Kern, al Mirto, Minusio-Locarno — **Suissa.**

GREGO

Mr. N. Carvounis, 20, Homer St., Athenas — **Grecia.**

HUNGARO

Mrs. Ella von Hild, Nemetvolgyi ut 4. 2. 1., Budapest, 1 — **Hungria.**

ISLANDEZ

Mrs. A. Sigurdardottir Nielsson, Laugarnes, Reykjavik — **Islandia.**

ITALIANO

Mr. Grant A. Greenham, Post Office Box 155, Trieste — **Italia.**

LATONIANO

Miss Vera Meyer Klimenko, Baznicas iela 34 dz. 8, Riga — **Latonia.**

NORUEGUEZ

Dr. Lilly Heber, Post Office Box 34, Blommenholm. — **Noruega.**

POLONEZ

Countess H. Potulicka, Hruszniew, p. Platerowo, Woj. Lubelskie — **Polonia.**

RUMAICO

Mr. Silviu Rusu, Piata Lahovary n. 1-A Bucharest III — **Romania.**

SUECO

Miss Kerstin Bohlin Valhallavagen, 134, Stockolmo — **Suecia.**

FUNDACIÓN HISPANO-AMERICANA SAPIENTIA

(Idioma hespanhol)

Sr. F. Rovira, Apartado n.º 867, Madrid, Hespanha.

ACENTES

Sr. José Carbone, Avenida de Mayo, 1370, Buenos Aires — **Argentina.**

Sr. Armando Hamel, Casilla de Correo 3603, Santiago — **Chile.**

Sr. Antonio Gallego Gonzalez, Cienaga, Magdalena — **Colombia.**

Sra. Edith Field de Povedano, Apartado 206, San José — **Costa Rica.**

Dr. Damaso Pasalodos, Obrapia 32, altos Havana — **Cuba.**

Sr. Ramon Aviles, la Calle Poniente, n.º 29, San Salvador — **El Salvador.**

Sr. F A Fopp Corriols, Apt. 212, Pasaje Rubio 3 piso, Guatemala — **Guatemala.**

Sr. R Ramirez Delgado, Libreria "Ruben Dario", Tegucigalpa — **Honduras.**

Sr. Agustin Garza Galindo, Apartado 1457, Mexico D. F. — **Mexico.**

Sr. Pedro Fajardo, 6-A Calle Noroeste, Managua — **Nicaragua.**

Sr. B. Checa Drouet, Apartado 2390, Lima — **Peru.**

Sr. Enrique Biascoechea, Apartado n.º 952, San Juan — **Puerto Rico.**

Sra. F. M. viuda de Carbonell, Dr. Delgado, 16, S. Domingo — **Rep. Dominicana.**

Sr. Alvaro A. Araujo, Apartado 147, Montevidéo — **Uruguay.**

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

(Lingua portugueza)

Dra. Ophelia Guimarães, Secretaria, Avenida Rio Branco n. 117, 2.º and., Sala 203. — Rio de Janeiro, Brasil.

AGENTES

Mrs. Nada Glover — Praça da Sé, 53, sala 56 — S. PAULO

Sr. A. A. Martins Gomes — Banco do Brasil, Curitiba. — PARANA'.

Sr. Mauricio Pitanga — Rua Dr. J. J. Seabra, 324 — S. Salvador — BAHIA.

Dr. Vaimiki de Albuquerque — Rua 24 de Maio, 710, Fortaleza — CEARA'.

Sr. Gabriel Hermes Filho — Av. Independencia, 171, Belém, PARA'.

LIVROS JÁ PUBLICADOS EM PORTUGUEZ

Experiencia e Conducta (folheto)	1$500
Palestras em Auckland (exgotado)	6$000
" " Ojai — 1934 (exgotado)	6$000
" " New York — 1935	5$000
Collectanea de Palestras (1930-1935)	4$000
Palestras no Brasil (1935)	4$000
" " Uruguay e Argentina (1935)	6$000
" em Ojai (1936)	4$000
" em Ommen (1936)	4$000
" em New York, Eddington e Madras (1936) .	4$000

(Remette-se PELO CORREIO sob registro).

A maioria destes livros pode ser obtida em inglez (original) e outras linguas por intermedio das Agencias do Star-Trust, indicadas nas paginas anteriores.

Para mais informações dirijam-se á

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

Av. Rio Branco, 117 - 2.º and. - sala 203

Ed. do Jornal do Comercio - Rio de Janeiro